convergência

MAIO — 1974 — ANO VII — Nº 69

1. **CELEBRAÇÃO DA PENITÊNCIA**, página 848
Frei Alberto Beckhäuser, OFM

2. **OS RETIROS E A DIREÇÃO ESPIRITUAL**, página 861
Pe. Oscar Mueller, SJ

3. **ASPECTOS SOCIAIS DO MUNDO ATUAL**, página 866
Irmã Begoña de Isusi, MMB

4. **PASTORAL VOCACIONAL**. Conclusões, página 888

5. **PROMOVER A MULHER**, página 895
Irmã Elisabeth Amarante, RSCJ

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar (ZC-05) — 20 000 — RIO DE JANEIRO — GB

Assinaturas para 1974:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) .	Cr$ 50,00
Exterior, remessa marítima	US$ 15,00
Avulso	Cr$ 5,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasquez, 25 Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.

SUMÁRIO

EDITORIAL 841

INFORME DA CRB 843

A CELEBRAÇÃO DA PENITÊNCIA, Frei Alberto Beckaeuser, OFM 848

OS RETIROS E A DIREÇÃO ESPIRITUAL, Pe. Oscar Mueller, SJ 861

ASPECTOS SOCIAIS DO MUNDO ATUAL E A VIDA RELIGIOSA, Irmã Begoña de Isusi, MMB 866

PARA O RETIRO MENSAL, Frei Alberto Beckhaeuser, OFM 878

ETAPAS DO AMADURECIMENTO NA FÉ, Frei João da Penha 883

CONCLUSÕES do Encontro Nacional de Pastoral Vocacional 888

PROMOVER A MULHER, Irmã Elisabeth Amarante, RSCJ. 895

CENTENÁRIO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, Primeira Congregação Brasileira, Irmã Glacy Maria Moraes, ICM 899

LIVROS NOVOS 904

EDITORIAL

Sem dúvida, a orientação espiritual que recebemos em épocas ainda recentes, sublinhava muito nosso estado de pecadores.

Não que isto ferisse a verdade, mas acentuava exageradamente um aspecto da situação do homem, silenciando outros.

Desenvolveu-se uma aguda consciência de culpa, mais talvez que consciência da situação de pecadores.

Com isso, um uso quase cotidiano do Sacramento da Penitência. Não raro o transformamos num sinal quase mágico. Bastava confessar-se. Claro que a graça sacramental não faltava, mas nem sempre encontrava da parte do penitente as condições mais favoráveis.

Acentuava-se mais o uso do sacramento que a dinâmica da conversão.

Como reação psicológica normal, a partir do movimento renovador e questionador que o Vaticano II inaugurou, o sacramento da Penitência ou Confissão, deixou de ocupar aquele lugar de destaque extraordinário que o distinguia antes.

Houve certa retração da parte dos sacerdotes.

Não houve mais tanta demanda da parte de penitentes, de confessandos. Acertadamente a renovação litúrgica soube revalorizar as celebrações penitenciais, a partir da palavra de Deus e das reuniões comunitárias.

Sem esquecer a situação de pecador, realçaram-se aspectos mais positivos como conversão, libertação, filiação, comunhão, volta ao Pai.

A reflexão teológica sobre conversão trouxe uma nova visão pondo-nos em contato com a rica tradição da Igreja, sobretudo dos primeiros séculos. O importante é a mudança de vida, de rumo, de pensar. Deixar a acomodação do **homem velho** e assumir, com seriedade e conscientemente as conseqüências do **homem novo**. Este voltar-se para o Senhor é que transforma e salva. Mantém o cristão numa constante busca da face de Deus.

Conseqüências desta atitude de conversão, que é resposta a um dom do Senhor, recebemos a liberdade dos filhos de Deus. A verdadeira libertação é decorrência de uma atitude interior de conversão.

Podemos libertar-nos de estruturas opressoras no campo social, político, econômico, ideológico, religioso. Podemos libertar-nos da pobreza, da miséria e, no entanto, permanecer profundamente alienados diante da vida, escravos de nosso egocentrismo, de nossa inconformação diante da vida. Podemos não ter nenhuma liberdade de movimentos, vivermos num cárcere e sermos profundamente livres. Sentirmos o significado íntimo de sermos **filhos**. Basta lermos as cartas de São Paulo, escritas do cárcere romano.

Mais que tudo isto, conversão verdadeira liberta no homem as forças positivas que o construíram: maior capacidade de amar, de dialogar, de sentir a alegria e o sofrimento do irmão e de ler os sinais dos tempos à luz do plano primigênio do Pai.

Cremos então que o religioso ou religiosa que descobrem estes aspectos fundamentais e positivos de sua caminhada por Cristo ao Pai, não lhes ocorrerá abandonar o Sacramento da Penitência, mas sim revalorizá-lo, dentro de uma busca sincera de conversão e de libertação de toda a capacidade de amar.

Na tentativa de ajudar nesta caminhada, o leitor terá neste número de nossa revista uma reflexão de **Frei Alberto Beckhauser** sobre a Celebração da Penitência, onde encontrará numerosas pistas para sua valorização.

As orientações sobre direção espiritual do **Pe. Oscar Müller** trará também luzes neste mesmo sentido.

Quero ainda realçar as considerações sobre o amadurecimento da fé, de **Frei João da Penha**.

Chamamos atenção para o alentado trabalho da **Irmã Begoña de Isusi**, abordando aspectos sociais do mundo atual e a vida religiosa, bem as Conclusões do Encontro Nacional de Pastoral Vocacional.

Na reflexão mensal, focalizamos a figura da Virgem.

Deixando para você a descoberta de outras pérolas e de outros caminhos, desejo-lhe a Paz.

Frei Constâncio Nogara

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

PRIMEIRO SEMINÁRIO DE ANIMADORES VOCACIONAIS

O Setor Vocacional da CNBB Linha I e da CRB, coordenado pela Irmã Jeanne Marie Tierny, realizará de 3 a 8 de maio, o Primeiro Encontro-Seminário de Animadores Vocacionais. O número de vagas foi rapidamente preenchido. O questionário solicitando sugestões e colaborações recebeu uma entusiasmada acolhida. Todo o Encontro se fundamentará teologicamente sobre as Conclusões do Congresso de Bispos Coordenadores da Pastoral Vocacional, realizado em Roma em novembro de 1973 e sobre os critérios elaborados pelo Departamento de Vocações e Novos Ministérios da Conferência Episcopal Latino-Americana. A finalidade principal do Encontro será, entretanto, de índole pastoral. Uma busca de caminhos, muito consciente e refletida sobre a situação sócio-histórica e eclesial na Pastoral Vocacional.

II Encontro de Estudos sobre "A Mulher na Sociedade e na Igreja"

Nos dias 9, 10, 11, 12 de maio, realizar-se-á o II Encontro de estudos sobre a mulher, no Convento Madre Regina, Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, para representantes das equipes regionais da CRB que trabalham neste tema e para um pequeno número de assessores e de convidados.

O Encontro visa estes dois objetivos: **Primeiro.** Oferecer uma visão de conjunto dos principais dados das ciências humanas e da teologia sobre a condição da mulher, com a finalidade de fundamentar e orientar a ação das comunidades eclesiais e religiosas. **Segundo.** Propiciar instrumentos de trabalhos para as equipes de base, a fim de que possam desenvolver e aprofundar o levantamento da realidade, a reflexão e o encaminhamento de decisões e de atividades.

Temas a serem expostos: **1.º)** Dados atuais da antropologia e da psicologia sobre a condição da mulher. **2.º)** Dados atuais da sociologia sobre a mulher no Brasil. **3.º)** Movimentos de libertação da mulher na América Latina. **4.º)** Visão ontológico-teológica do masculino e do feminino. **5.º)** A condição da mulher na Igreja: causas e perspectivas de evolução.

CENFI — Centro de Formação Intercultural

Muitos agentes de pastoral de nacionalidade não brasileira pedem cursos de aperfeiçoamento de linguagem e de atualização pastoral para maior eficiência de seu trabalho. O CENFI vai dar um curso de duração de um mês. De primeiro de julho a 26 inclusive.

A pastoral é essencialmente apresentar uma mensagem, a qual depende também de uma linguagem correta. A pastoral exige compreensão da realidade sócio-cultural. Daí a necessidade de estudos de temas brasileiros e da situação da Igreja do Brasil. Só assim — correição de linguagem e conhecimento da realidade sócio-cultural — haverá possibilidade de aprofundar teologicamente o serviço pastoral.

O curso inclui, por isso, a língua portuguesa, comunicação oral e escrita e temas sobre a realidade brasileira: integração social, visão geral da economia brasileira, religiosidade popular, direitos humanos, adaptação dos princípios da teologia à pastoral, estrutura da Igreja no Brasil, etc.

O curso se destina a agentes de pastoral que, vindos de outros países, atuam no Brasil há mais de um ano e desejam uma reflexão sobre seu trabalho. Supõe-se, pois, que falem e entendam o português. Só há 30 vagas. Para maiores e mais detalhadas informações escrever para: CENFI, Centro de Formação Intercultural — Rua Almirante Alexandrino, 2023 — ZC-45 — 20.000 — Rio de Janeiro — Guanabara.

Sétimo Encontro de Formadores

De 6 a 15 de março, realizou-se em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, o VII Encontro de Formadores e Formadoras. Participaram 51 pessoas, sendo 36 religiosas e 15 religiosos. Havia seis provinciais. Sendo um Encontro nacional estiveram representados 17 Estados, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Vale notar a intercongregacionalização: 40 Congregações diferentes.

O Encontro, como os anteriores, queria dar aos participantes a possibilidade de intercambiarem experiências e se enriquecerem mutuamente com as novas descobertas que as Congregações fizeram na área da formação. Para tanto cada participante havia respondido um questionário sobre perspectivas no setor de formação dentro de sua província. Outro questionário fora respondido pelos Provinciais e um terceiro pelos formandos. Completando este diagnóstico da realidade, houve algumas exposições-informativas de especialistas, sobre: Vocação, Espírito Crítico, Valor da Pessoa, Maturidade do Jovem Religioso.

O grupo concentrou a atenção sobre os **agentes de formação** em três itens: **1.** Pessoa do formando: a) Vocação. b) Oração. c) Espírito crítico. d) Missão. **2.** Equipe de formação. a) Necessidade. b) Objetivo. c) Elementos componentes. d) Dinâmica de funcionamento. **3.** Comunidade formadora. a) Razão de ser. b) Objetivos. c) Membros. d) Características. e) Meios.

A apreciação final foi altamente positiva, o que mostra a atualidade abordada e o acerto do método empregado no encontro.

Esperamos proximamente publicar um apanhado das conclusões na revista **Convergência.**

Dom Ivo Lorscheiter, nomeado Bispo Diocesano

É com alegria que comunicamos a todas as comunidades a nomeação de Dom Ivo Lorscheiter, Secretário Geral da CNBB, para assumir a Diocese de Santa Maria, Rio Grande do Sul. A posse teve lugar no dia 21 de abril.

Queremos registrar nas páginas de **Convergência** o extraordinário empenho de Dom Ivo em buscar entrosamento de trabalho e de Igreja, sempre melhor, entre CNBB e CRB. Se as duas Conferências trabalham hoje tão unidas e tão identificadas nas suas idéias de serviço, deve-se, em grande parte, ao interesse de Dom Ivo. Desejamos ao novo bispo de Santa Maria as mais ricas bênçãos do Senhor.

Seminário para secretários de conferências

A Confederação Latino-Americana de Religiosos teve entre seus projetos prioritários de 1974, a realização de um Seminário para todos os Secretários das Conferências Nacionais de Religiosos da América Latina. O Seminário teve lugar em Bogotá, de 17 a 30 de março.

Participaram todos os Secretários de Conferências, exceto os de Cuba, El Salvador e Equador. Participaram igualmente o Secretário Geral da CLAR, Pe. Luís Patiño, Irmã Maria Agudelo, Secretária Adjunta, bem como as Irmãs Josefina Velez e Adela Ramírez, do Secretariado da CLAR.

Durante alguns dias estiveram presentes membros da Conferência dos Religiosos da Colômbia. Nos três dias finais compareceram também, Pe. Carlos Palmés e Irmã Isabel Maria Lara, Presidente e Vice-Presidente da CLAR respectivamente. O Secretário Adjunto do CELAM também se fez presente durante dois dias. O Núncio Apostólico participou de uma Eucaristia e um jantar.

A coordenação geral esteve a cargo do Pe. Cecílio de Lora e do Irmão Joaquim Panini, Secretário Executivo do Departamento de Educação do CELAM. O teólogo Pe. Xavier Osuna participou como assessor.

O Seminário teve em mira em seguintes objetivos:

1. Explicitar e interiorizar a razão de ser da Confederação Latino-Americana de Religiosos e das Conferências Nacionais de Religiosos da América Latina.

2. Intercambiar experiências de organização e funcionamento das Conferências de Religiosos da América Latina.

3. Planejar e coordenar atividades.

O método de trabalho foi essencialmente ativo com intervenção direta de todos os participantes em cada fase do Seminário. Para a mecânica dos trabalhos foram usadas as respostas a um questionário que a CLAR enviara, com anterioridade, às Conferências, cujas respostas cada Secretário trouxe consigo.

A partir destas respostas e de testemunhos pessoais os participantes fizeram o diagnóstico da situação das Conferências dos Religiosos da América Latina, no tocante ao conceito de vida religiosa (Marco Doutrinal). A partir daí, buscamos definir qual o objetivo geral que impulsiona as Conferências a trabalharem, bem como seus objetivos específicos.

Nesta fase dos trabalhos, os coordenadores sugeriram que se fizesse a análise de uma Conferência concreta, para que, sobre os positivos e negativos dela, se pudesse elaborar um exercício de planejamento. Foi escolhida a Conferência dos Religiosos da Colômbia por dispor de maior número de dados.

Os dias subseqüentes do Seminário foram empregados no diagnóstico e nos objetivos geral e específicos da Conferência da Colômbia. Houve a seleção de três projetos prioritários, no entender dos participantes, e elaborados, segundo rigorosos critérios de planejamento.

O Seminário agradou muito, seja pelo conhecimento das realidades em que vive cada Conferência, seja pelo esforço de aprofundamento de que os Secretários entendem por vida religiosa, seja pela definição mais precisa dos objetivos gerais de uma Conferência, ou seja pela necessidade imprescindível de um bom planejamento, que deve preceder a qualquer realização dentro de um Executivo de Conferência.

Na apreciação final os participantes sublinharam particularmente: a seriedade de reflexão e busca que acompanhou os dias de trabalho; a convivência fraterna; a fé e a motivação evangélica que unia a todos.

Encontro de religiosas que atuam no campo da saúde

De 15 a 20 de fevereiro, a CRB, Regional do Recife, promoveu em Carpina, Pernambuco, no Noviciado das Filhas de Santana, um Encontro para Religiosas que atuam no campo da saúde. Estiveram presentes 43 religiosas de 13 Congregações diferentes que trabalham em todo o Nordeste. Coordenou o Encontro esta equipe: Pe. Geraldo Pennock, Pe. Adriano Backx, Irmã Maria Teresa, Irmã Patrícia.

Temas estudados e debatidos: **1.** Uma reflexão sobre as atitudes pessoais de cada participante como agente no campo da saúde. Os critérios, os questionamentos, as preocupações, etc. na realidade de hoje, aqui e agora. **2.** A realidade-ambiente. Numa visão global, as principais doenças e males que incidem na população. Os principais problemas: desnutrição, mortalidade infantil, saneamento, assistência médica, serviço de enfermagem, situação hospitalar. **3.** A possibilidade de solucionar ou encaminhar soluções: conscientização, educação, orientação, cursos, campanhas, divulgação da situação para conhecimento dos poderes públicos.

A avaliação final por parte dos participantes foi muito positiva: a) Seja pelos assuntos tratados, porque práticos, atuais, oferecendo pistas concre-

tas para a vida religiosa de quem trabalho no campo da saúde. b) Seja pelo método. Boa dinâmica. Grupos pequenos, oportunidade de todos apresentarem seus pontos-de-vista. c) Seja pela participação ativa, interessada, ninguém indiferente, clima de fraternidade.

Tendo sido assim, resta concluir frisando a mesma sugestão do grupo: Encontros como este devem se repetir e ter continuidade.

Encontro dos religiosos brasileiros em Roma

Os religiosos brasileiros a serviço da Igreja em Roma encontram-se de quando em quando para refletir e rezar juntos e para trocarem experiências e se informarem sobre a realidade e a dinâmica da Vida Religiosa no Brasil.

Aproveitando o ensejo da Assembléia da União Internacional das Superioras Gerais, onde estariam presentes duas representantes das congregações Brasileiras: Irmã Aparecida Guimarães, Geral das Missionárias de Jesus Crucificado e Irmã Elza Giovanella, Geral das Irmãs Catequistas e uma representante da Conferência dos Religiosos do Brasil, Irmã Nilza Junqueira, os brasileiros reuniram-se dia 18 de novembro de 1973 na Casa Generalícia dos Padres do Verbo Divino. Presente ainda no encontro Frei Henrique Van der Maat, da CRB Nacional que, estando na Holanda, foi a Roma para oferecer um pouco de sua experiência e motivar o grupo para o estudo e a leitura do último documento da CLAR: **Vida Segundo o Espírito.**

Estiveram presentes mais de 100 religiosos, entre eles algumas Madres Gerais e Consultores Gerais que estão em Roma a serviço das respectivas Congregações. Além da riqueza do convívio fraterno, a tarde foi muito proveitosa com: **a)** Uma exposição sobre a realidade e a dinâmica da Vida Religiosa do Brasil em forma de painel. **b)** Uma celebração eucarística. **c)** Um lanche de confraternização.

Pequenas Irmãs da Divina Providência

As Pequenas Irmãs da Divina Providência estão comemorando o 75.º aniversário de fundação. Nasceram em Alessandria, Itália, e estão no Brasil desde os albores da Congregação. No Rio de Janeiro estão há 57 anos. Este ano de 1974 será um **Ano Michelino** para a Congregação com os objetivos: **1.º)** De aprofundar o conhecimento da vida e do carisma da Fundadora: Serva de Deus Madre Teresa Grillo Michel. **2.º)** De preparar-se para o II Capítulo Geral e Especial da Congregação.

Um subsídio precioso para atingir estes objetivos é a vida de Madre Teresa Grillo Michel que a Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede no Rio de Janeiro, editou. Um texto útil para ser objeto de estudo e reflexão pessoais e comunitários para as religiosas da Congregação, uma vez que o carisma da fundadora não desaparece nem se esgota com a sua morte.

Com este Ano Michelino, a Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência quer se colocar na trajetória dos planos de Deus e tentar realizar mais conscientemente aquele abandono à Providência Divina, característica da Obra de Madre Teresa Grillo Michel.

A CELEBRAÇÃO DA PENITÊNCIA

FREI ALBERTO BECKHÄUSER, OFM

Toda celebração litúrgica tem dupla finalidade: a santificação do homem e a glorificação de Deus. Estas duas finalidades também se verificam no Sacramento da Penitência ou da Confissão. O que há de extraordinário neste Sacramento é que o Cristo valoriza até o pecado, transformando-o em oportunidade de culto, em meio de glorificar a Deus. Para uma renovação do Sacramento da Penitência deveremos redescobrir que ele constitui sobretudo um ato de culto, uma celebração.

Esta realidade profunda é expressa através de sinais que, em sua essência, se compõem da confissão dos pecados por parte do penitente, numa atitude cultual de arrependimento diante de Deus, e das palavras e gestos de reconciliação por parte da Igreja, representada pelo seu ministro.

Até hoje a liturgia da Penitência era, sem dúvida, muito pobre e pouco eclesial. Temos finalmente o novo Rito da penitência, chamado também Rito de reconciliação dos penitentes, bem mais enriquecido e inserido na proclamação da Palavra de Deus, mesmo quando a reconciliação é realizada por um penitente em particular.

Resumo

1. Penitência e Confissão
2. A celebração da Penitência no contexto da História da Salvação
3. Conversão, reconversão, conversão em crescimento
4. Dimensão pascal da Penitência
5. Dimensão eclesial da Penitência
6. A situação atual
7. A celebração atual da Penitência

Para um melhor aproveitamento da celebração penitencial não será suficiente a simples mudança do rito. A celebração da penitência deverá ser inserida no mistério da reconciliação dentro da História da Salvação. Os aspectos da penitência que vamos abordar nestas páginas poderão levar-nos a apreciar de maneira mais eficaz este meio de reconciliação e crescimento na vida espiritual que o Cristo nos deixou.

1. Penitência e confissão

Estamos diante de um Sacramento da Igreja com dois nomes. Ambos ricos em significado. O novo Rito da Penitência acentua o aspecto da penitência. Contudo, o nome mais comum e popular deste Sacramento da misericórdia de Deus, **confissão,** pode revelar-nos aspectos muitos enriquecedores.

a) **Penitência.** Devemos entender **penitência** no sentido forte da Bíblia, no sentido de conversão do coração. Segundo a Bíblia, conversão é mudança de vida no que ela tem de mais profundo, é transformação da atitude do coração do homem.

Existem várias maneiras de a Igreja praticar a penitência. Ela poderá fazê-lo na aceitação dos sofrimentos em união com os de Cristo. Sinais de conversão poderão ser as obras de misericórdia e de caridade, bem como a vivência segundo o Evangelho.

Outra coisa é celebrar a penitência. A Igreja celebra a penitência em atitude de conversão quando os fiéis se confessam pecadores, quando eles pedem perdão a Deus e aos irmãos de suas faltas. Poderão fazê-lo por celebrações penitenciais, pela proclamação da Palavra de Deus, pela oração e a valorização dos elementos penitenciais da Missa **(Cf. Novo Ritual da Penitência, n.º 4).**

O primeiro e fundamental Sacramento da penitência ou conversão

é, sem dúvida, o Batismo no qual o cristão é perdoado e reconciliado por Deus. A Eucaristia constitui outro meio de reconciliação e perdão, pois todas as vezes que a Igreja celebra a Morte e Ressurreição de Cristo, comemora o Sangue da nova e eterna aliança derramado para o perdão dos pecados.

Mas o cristão, apesar de batizado, pode cair muitas vezes em pecado. Ele se desorienta em sua vocação integral ou enfraquece sua opção fundamental de adesão à Aliança. Existe, então, um segundo Sacramento da penitência, o Sacramento da re-conversão ou da conversão em crescimento.

b) **Confissão.** Para melhor compreendermos o significado e o conteúdo do Sacramento da Penitência, é de proveito refletir um pouco sobre o conceito bíblico de confissão.

O que significa confessar os pecados? Confessar de modo geral, significa: revelar, acusar, reconhecer, dizer em segredo. Mas confessar no sentido da celebração da penitência significa muito mais. Dizemos, por exemplo, que um mártir **confessa** sua fé. Os santos que levaram uma vida de testemunho cristão, chamamo-los de **confessores.** Confessores eram chamadas as pessoas que sofriam prisão ou torturas por causa da fé. **Confessio** chama-se o lugar onde os mártires confessaram sua fé. Célebres são as Confissões de Santo Agostinho. Destes exemplos podemos depreender que confessar significa também proclamar, atestar, testemunhar. Tanto o termo latino **confiteri** como o termo grego **exomologuêin** significam **confessar a fé, proclamar o louvor** e **confessar os pecados.**

No termo grego **exomológuesis** ou **exomologuía,** muito usado para significar a praxe penitencial da Igreja primitiva, podemos descobrir três elementos:

Ex que significa: de dentro para fora.

Homós que significa: igual.

E **loguêin** que significa: palavra, discurso.

Temos então: **discurso igual para fora.** Confessar significa então: dizer para fora aquilo que realmente se é. Proclamar-se igual para fora, ou seja, reconhecer-se pecador, reconhecer a glória de Deus, professar a fé em Deus. Poderíamos dizer: ser transparente diante de Deus. Sendo transparente, reconhecemos nossa pequenez, nossa miséria diante da grandeza e da santidade de Deus. Por isso, no confessar-se pecador diante de Deus, existe sempre, como em qualquer ação de graças, a idéia de reconhecer a glória de Deus.

O pecador proclama o seu pecado. Mas com isso ele proclama o poder e a misericórdia de Deus manifestadas no perdão. Com isso ele exalta a santidade de Deus, glorifica-o, reconhece que a ele deve o perdão. Confessar os pecados significa, pois, proclamar nos pecados a bondade e a misericórdia de Deus, reconhecendo que Deus pode perdoar e, como perdoou no passado, está pronto a perdoar também no presente.

2. A celebração da Penitência no contexto da História da Salvação

A celebração da penitência evoca um Deus que manifestou sua misericórdia na História da Salvação, realizando maravilhas em favor de um povo escolhido e manifestando sua misericórdia para com os homens através de seu Filho Jesus Cristo.

Esta história vivida hoje na Igreja manifesta-se de modo especial nas Sagradas Escrituras. A Palavra de Deus apresenta ao homem a sua vocação, na aliança que lhe é oferecida. A Sagrada Escritura nos apresenta Deus que se manifesta aos homens em seu amor.

Quando Pio XII fala de perda do sentido do pecado, diz:

"O homem já não entende mais o amor, já não reconhece mais sua infidelidade ao amor".

Será necessário um moralismo mais estrito para que o homem tome consciência do pecado, ou será necessário anunciar mais o amor do Pai que nos é manifestado por Cristo, a fim de que o homem redescubra o sentido do pecado? É preciso descobrir e perceber de novo o amor, a fim de que tenhamos o desejo de nos unir a esse amor. Quem nunca teve consciência do que seja viver em comunhão, não poderá perceber o mal da separação. Quem nunca teve experiência de uma vida de união jamais sentirá a gravidade da separação. O pecado é pois estar separado deste amor, e dessa comunidade reunida no amor. E isso dói profundamente. A infidelidade ao amor que o Pai nos dá só poderá ser percebida por aqueles que experimentaram a beleza da fidelidade.

Dois maravilhosos exemplos disso temos no rei Davi e no filho pródigo. Vale a pena considerá-los.

Quando o profeta Natã, enviado por Deus a Davi a fim de fazer o rei perceber a enormidade do seu crime, chega ao palácio, não denuncia logo a morte de Urias, nem mesmo a sexualidade desregrada de Davi que tomou para si a viúva do general. Começa por anunciar os dons do Eterno em favor de Davi, provas patentes de que Deus o amou. Davi, julgando absurda a posição do homem que abandona tanto bem-estar por um prazer injusto, declara que essa loucura só poderá ser punida com a morte do culpado. "Tu és este homem", disse Natã (Cf. 2 Sam 12). Davi é o infiel ao amor que Deus lhe tinha testemunhado, dando-lhe toda espécie de bens. E o rei chora seu pecado. Para fazer descobrir o sentido da penitência como volta ao amor de Deus é preciso que despertemos e eduquemos as consciências na descoberta dos benefícios de Deus, e se experimente vivencialmente "como é bom vivermos na unidade e no amor".

Algo de semelhante temos na parábola do filho pródigo (Lc 15; 11-32). O filho antes de sair da casa do pai tem tudo: o amor do pai, sua companhia, o amor do irmão, bens à vontade. Toma o que é seu e parte. Deixa o amor do

pai. Esbanja tudo. Está diante da morte. Não tem nem o pão para matar a fome. Está votado à morte. Tem o amor às meretrizes que leva à esterilidade e à morte.

Contudo, ele volta a si: lembra-se do que tinha em casa do pai; volta e, como Davi, reconhece sua condição, proclamando-a, confessando-se pecador. Pela confissão ele reconhece seu erro; reconhece que o pai é tudo para ele; e reconhece que o pai pode acolhê-lo, se não como filho, ao menos como servo. Na sua confissão está, pois, o reconhecimento da bondade do pai. Há um louvor, há um agradecimento, um reconhecimento do poder do pai. O pai, então, o abraça e faz festa, da qual também o filho mais velho é convidado a participar. No perdão e na festa da reconciliação o pai restitui a vida ao filho, pois "ele estava morto e reviveu".

Assim, na celebração da penitência convém que a confissão se faça no contexto da proclamação da Palavra de Deus. Nesta palavra nos é apresentado o ideal moral, a própria bondade e santidade de Deus para serem imitadas. Pela leitura conhecemos melhor a bondade de Deus, sua grandeza, sua santidade, sua misericórdia, despertando em nós a confiança de que como ele perdoou no passado, continua a perdoar no presente.

Realiza-se um confronto com a Palavra de Deus, uma crise, um julgamento. É o exame de consciência. Se a maneira de viver do homem não corresponder com esta palavra, ele sente, deplora tal situação. Eis o arrependimento. E o resultado será um propósito de, no futuro, corresponder melhor. Surge, então, a conversão como atitude interior. E a conseqüência normal será proclamar e celebrar a grandeza, a bondade e a misericórdia de Deus, confrontando-as com a própria condição de homem pecador. É a confissão no seu sentido mais completo.

O ideal será, pois, que o exame de consciência brote de uma proclamação da palavra de Deus ou de uma leitura, melhor, do confronto de nossa vida com o amor de Deus manifestado sobretudo nas Sagradas Escrituras. Este confronto poderá ser feito também em particular num confronto da vida com todas as manifestações do amor de Deus, onde quer que elas se realizem.

3. Conversão, reconversão e conversão em crescimento

Das considerações feitas deduzimos que a Confissão é o Sacramento da re-conversão ou da conversão em crescimento, sendo que o Batismo fora o Sacramento da conversão pela fé. Entendemos também que a Penitência não é meio só para os que romperam com a amizade divina totalmente, mas para todos, pois quanto mais a pessoa progredir na perfeição, na santidade, mais descobrirá sua distância do ideal. Quanto mais o homem se confrontar com o amor de Deus, mais se sentirá pecador, isto é, não correspondente ao amor de Deus. Exemplo extraordinário disso temos em São Francisco de Assis. Ele exclamava: "Quem sois vós, Senhor, e quem

sou eu? Vós o altíssimo, Senhor do céu e da terra, e eu um miserável vermezinho, vosso ínfimo servo".

Um vermezinho, sim, mas um servo amado por Deus. Compreendendo sempre mais o amor de Deus manifestado aos homens por Jesus Cristo, ele dizia: "O amor não é amado, o amor não é amado". Considerava-se o maior pecador do mundo, pois dizia que, se um salteador ou bandido tivesse recebido tantas graças como ele, teria correspondido muito melhor. Por isso, no fim de sua vida, após tantos prodígios de santidade, ele dizia aos irmãos: "Irmãos, vamos começar de novo, pois até agora nada fizemos". O amor nunca pode ser correspondido devidamente, sobretudo quando este amor é devido, é infinito, é total, até a Cruz, em Cristo. Numa visão assim poderemos compreender também por que certas pessoas, entre elas, muitos santos, chegaram a celebrar diariamente a penitência pela confissão diária.

Para compreender melhor esta dimensão da Penitência, parece que deveríamos alargar um pouco a compreensão habitual de penitência e conversão. Em geral compreendemos **conversão** apenas como a volta do pecado, o retorno à casa do Pai. Conversão tem um sentido muito mais amplo. Ela se coloca na vocação integral do homem como um ser voltado para Deus, em harmoniosa união com seus irmãos, companheiros no amor, abraçando toda a realidade criada. Por isso não devemos compreender conversão apenas como volta ou retorno à amizade de Deus. Conversão é também o processo continuado de voltar-se para Deus diretamente ou através do próximo e pela natureza criada. É um contínuo dirigir-se para Deus, num caminhar que não tem fim, pois Deus é a perfeição infinita jamais atingida pelo homem. Ora, neste confronto com a perfeição infinita que somos convidados a imitar, sempre nos sentiremos imperfeitos, ingratos, pecadores. Eis, porque sempre haverá motivo para celebrarmos a bondade e a misericórdia de Deus para conosco. Teremos, então, a celebração da penitência como conversão em crescimento.

4. Dimensão pascal da Penitência

Pelo Batismo fizemos uma aliança com Deus em Cristo. Esta aliança pode ter sido rompida pelo pecado ou enfraquecida pelas infidelidades. Por isso, comemorando, proclamando e realizando ao mesmo tempo a passagem do pecado à amizade de Deus, a passagem da morte para a vida, ou a renovação no estreitamento da amizade com Deus, comemoramos a Morte e a Ressurreição de Cristo. A penitência é o retorno à Aliança batismal ou a renovação desta mesma aliança. Por isso a Penitência na atitude de conversão é uma das celebrações litúrgicas mais significativas, mais eloquentes e vivenciais do mistério pascal, da participação na morte e ressurreição do Senhor Jesus.

5. A dimensão eclesial da Penitência

A Penitência possui também uma dimensão eclesial. Este aspecto, muito vivo na Igreja dos primeiros séculos, está sendo revalorizado nos últimos anos e está muito bem expresso no novo Ritual da Penitência.

As comunidades cristãs dos primeiros séculos tinham profunda consciência do caráter eclesial da penitência. O pecado lesa a Igreja. Se de uma parte a Igreja primitiva tinha consciência de que só Deus perdoa os pecados, tinha também consciência de que este perdão era dado através da Igreja, pela reconciliação com a Igreja.

Pelo Batismo o cristão entra na comunidade eclesial, na comunidade eucarística. Pelo pecado mortal, ele não pode mais participar da Eucaristia. É excomungado, é excluído da comunhão eclesial e da comunhão eucarística. O pecado não se relaciona somente com Deus. Tem a ver também com a comunidade eucarística. Diante desta comunidade o cristão há de confessar sua culpa, reconhecer a bondade e a misericórdia de Deus, haverá de fazer penitência e é dela que receberá a reconciliação com Deus.

Nos primeiros séculos isso era expresso de maneira muito concreta, na assim chamada penitência canônica, à qual os pecadores que cometessem pecados mortais deviam submeter-se. Estes pecados eram três: a apostasia (idolatria), o homicídio e a fornicação (adultério).

A praxe penitencial da penitência pública funciona em três etapas, da seguinte forma:

a) O pecador reconhecia-se penitente diante do Bispo, representante da comunidade, ou, tratando-se de pecados públicos, já era conhecido como pecador pela comunidade. Mais tarde fazia-se penitência pública também de outros pecados considerados graves, seja externos ou internos. Nunca houve na Igreja obrigação de se fazer a confissão pública dos pecados.

b) Após a confissão, o reconhecimento dos pecados, o pecador era inscrito no rol dos penitentes públicos, na Ordem dos penitentes. Recebia uma penitência, um exercício que podia levar uma Quaresma, um ano ou a vida inteira. A penitência era considerada não tanto como satisfação ou expiação, mas como exercício de conversão, prova de verdadeira conversão, para não tornar a Igreja um antisinal.

c) A terceira fase, ou etapa da penitência consistia na reconciliação solene com a comunidade eclesial num dia determinado, em geral na Quinta-feira Santa. Até hoje temos um resquício disso no Pontifical dos Bispos e na imposição das Cinzas na Quarta-feira de Cinzas, em que toda a Igreja se reconhece pecadora, necessitada de penitência, para celebrar dignamente a Morte e a Ressurreição do Senhor.

Nestas três fases temos os elementos essenciais do Sacramento da Penitência. O exame de consciência, a confissão ou acusação dos

pecados, o arrependimento e o propósito, expressos nos exercícios penitenciais, e a satisfação.

Nesta praxe devemos notar um aspecto importante. Toda a Igreja era solidária com os penitentes. A Igreja toda celebrava a penitência. Ela jejuava com os penitentes: fazia penitência com eles e, rezava por eles. Toda a liturgia quaresmal tomou um caráter penitencial em solidariedade com os penitentes: a oração dos fiéis, orações e as cinzas. Havia diversos tipos de penitentes antes que esta praxe caísse em descrédito. Os **flentes** (os que choram) que se aproximavam dos fiéis às portas das igrejas implorando perdão. Os **genuflectentes** os que se ajoelham após a Liturgia da Palavra para a oração e a bênção para, em seguida, se retirarem da assembléia eucarística. Os **stantes**, ou seja, os que permaneciam de pé na igreja durante a Eucaristia, mas não podiam participar da mesa eucarística, permanecendo de pé nos seus lugares.

A questão que se propõe é esta: Será que damos o devido apoio aos nossos irmãos que erram, aos nossos confrades, às nossas co-irmãs, nossos companheiros de caminhada em direção ao Senhor, ao qual nos consagramos totalmente pela profissão religiosa? Damo-lhes o nosso apoio?

Nosso Senhor nos deu um belo exemplo neste sentido. Após a multiplicação dos pães, Jesus obrigou os seus a entrar na barca e passar antes dele para a outra margem, enquanto ele despedia a multidão. Feito isso, subiu a montanha para orar na solidão. Os discípulos partiram. À boa distância da margem, a barca começou a ser agitada pelas ondas, pois o vento era contrário. Ao amanhecer, veio Jesus a eles sobre as ondas. Pensavam que fosse um fantasma, mas logo o reconheceram. Pedro tomou a palavra e falou: "Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti". Ele disse-lhe: "Vem". Pedro saiu da barca e caminhava sobre as águas ao encontro de Jesus. Mas, recobrando a violência do vento, teve medo e, começando a afundar, gritou: "Senhor, salva-me". No mesmo instante, Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e lhe disse: "Homem pobre de fé, por que duvidaste?" Apenas tinham subido para a barca, o vento parou (Mt 14, 22-33).

Jesus vai ao encontro de Pedro que confia demais em si e não mais na palavra do Senhor. Estende-lhe a mão. Poderia ter dito: "Presunçoso, vira-te". Poderia ter dado um empurrão? E nós? Estendemos o braço ou empurramos? Somos nós o braço estendido do Cristo, no qual os nossos irmãos poderão apoiar-se e caminhar sobre as ondas até chegarem à segurança da barquinha, até chegarem à outra margem?

Seremos o braço prolongado de Cristo pelo exemplo de vida cristã para que o fraco possa ver-se incentivado pelo exemplo dos irmãos; pela palavra de apoio, de encorajamento, de incentivo e compreensão; pela oração em favor dos pecadores em geral e pelos irmãos em particular; enfim, ajudando-os por todos os meios a perseverarem no bem.

6. A situação atual

A Igreja, sem dúvida, passou nestes últimos anos por uma profunda crise quanto à praxe penitencial. Não é de admirar, pois durante a história a Igreja sempre andou às apalpadelas quanto à praxe concreta da penitência. Não quanto à consciência da necessidade da penitência e do poder de perdoar que lhe foi legado por Cristo, mas da disciplina concreta.

Existe hoje uma dupla tendência. Por um lado, os que se aproximam frequentemente e muitas vezes de modo maquinal da confissão individual como meio de obter o perdão. Falta muitas vezes a verdadeira atitude de conversão. Por outro lado, muitos abandonam na prática da penitência sacramental por acharem que não estão obrigados por não terem pecado mortal ou por acharem a praxe da penitência como é praticada, um impecilho para o progresso na vida espiritual. Recorrem, então, às absolvições gerais que também correm o risco de levar a uma sacramentalização sem a verdadeira atitude de conversão. No fundo, ambas as modalidades pecam se colocarem o Sacramento da Penitência unicamente na linha do perdão dos pecados. Ora, sabemos que o perdão dos pecados veniais ou cotidianos, como eram chamados pelos Santos Padres, nos é concedido de muitas maneiras: a oração do Pai-nosso, a reconciliação com o irmão, a confissão os pecados ao próximo, a esmola, as obras de misericórdia, a Eucaristia e, enfim, o amor a Deus e ao próximo.

O Sacramento da Penitência é sem dúvida em primeiro lugar o Sacramento da reconciliação e do perdão, o Sacramento do retorno à amizade de Deus, à Aliança batismal. Mas será preciso descobrir novamente que a Celebração da Penitência constitui também o Sacramento da conversão em crescimento, o Sacramento da intensificação da aliança batismal. Neste caso, ele aparece sobretudo como celebração da bondade e da misericórdia de Deus, manifestadas aos homens, não só naquele que celebra a penitência, mas na comunidade, na Igreja local, em toda a humanidade. Torna-se uma verdadeira ação de graças.

A esta atitude humilde liga-se a graça da penitência, ou seja, a força do Espírito Santo para que a Igreja possa viver sempre mais a conversão em crescimento. Talvez tenhamos esquecido um tanto esta dimensão da celebração penitencial. Se encararmos assim o Sacramento da Penitência, compreenderemos porque a Santa Sé em documento recente aconselha os religiosos a se confessarem com freqüência, ou seja, de quinze em quinze dias. Diria mesmo que um religioso ou uma religiosa que quiser progredir realmente no caminho da perfeição deveria apreciar realmente a confissão frequente e individual, não como obrigação imposta, mas como possibilidade que lhe é oferecida.

7. A celebração atual da Penitência

Após as incertezas e experiências por vezes menos bem orientadas quanto à praxe penitencial desencadeadas nos últimos anos, possuímos

agora o Novo Ritual da Penitência. Foi o último dos Sacramentos a ser renovado em sua Liturgia. A demora se explica pelos problemas doutrinários subjacentes à prática penitencial. Depois que a Sagrada Congregação para a Doutrina da fé se pronunciou a respeito das **Normas Pastorais acerca da Absolvição Coletiva,** a 16 de junho de 1972, a Congregação para o Culto Divino pôde finalmente elaborar os diversos ritos a serem usados.

O novo Ritual da Penitência apresenta três ritos diferentes para a celebração sacramental da penitência e vários esquemas para o que é chamado de celebrações penitenciais. Doravante teremos, portanto, o Rito para a reconciliação individual dos penitentes, o Rito para a reconciliação de mais penitentes com confissão e absolvição individual e o Rito para a reconciliação de mais penitentes com confissão genérica e absolvição coletiva.

Aqui faremos um comentário apenas da primeira modalidade, ou seja, do **Rito para a reconciliação individual dos penitentes.**

Tanto o sacerdote como o penitente são convidados a se preparem para a celebração do Sacramento através da oração. O Sacerdote invoque o Espírito Santo para que receba dele a luz e a caridade, e o penitente confronte sua vida com o exemplo e os ensinamentos de Cristo e reze a Deus pelo perdão dos seus pecados (**Cf Instrução, n.º 15**).

a) **Acolhimento do penitente.** Quanto ao lugar e ao confessionário dever-se-á observar o que vem prescrito no direito (**Cf, n.º 12**).

Infelizmente a cadeira do Sacerdote se transformou naquilo que hoje é o confessionário. Antes que surgisse a atual forma do confessionário ele era uma simples cadeira ou sede do Bispo ou presbítero colocada diante do altar. E hoje, como é que deveria ser? Quem sabe, um genuflexório para o penitente junto a uma cadeira para o sacerdote. Parece que por vezes a forma atual, contanto que o confessionário não seja por demais escuro e colocado no último canto da igreja, poderá ter seu valor. Em todo caso, o lugar deveria convidar para uma celebração, um ato cultual, pois a confissão não constitui um simples papo ou desabafo psicológico.

Na penitência, mesmo celebrada individualmente, temos sempre uma celebração da Igreja. Trata-se de uma celebração em que tudo deve ser considerado sacramental. Dever-se-á, portanto, entrar numa atitude dialogal com Deus através daquele que preside a celebração e reconcilia com Deus e com a Igreja.

O sacerdote acolhe o penitente com caridade fraterna e se for o caso, saúde-o com palavras amigas. Então o penitente faz o sinal da cruz. O sacerdote poderá fazê-lo juntamente com o penitente. Em seguida, o sacerdote convida o penitente à confiança em Deus, para que possa reconhecer os seus pecados e proclamar a misericórdia de Deus. Poderá fazê-lo por diversas fórmulas à escolha.

Se for útil para a direção a ser dada pelo sacerdote, o penitente poderá informá-lo sobre sua situação e estado de vida, o tempo da última confissão e as dificuldades que encontra na vida cristã.

b) **Proclamação da Palavra de Deus.** Temos aqui algo de novo. Após o acolhimento, o sacerdote ou o penitente poderá ler algum texto da Sagrada Escritura, o que poderá ser feito também antes, por ocasião da preparação para a celebração do Sacramento. A Palavra de Deus tem por finalidade iluminar o fiel para a confissão dos seus pecados, a conversão e a confiança na misericórdia de Deus.

c) **A confissão dos pecados e a aceitação da satisfação.** Não se trata propriamente de acusação, mas da proclamação dos pecados, confessando a bondade e a misericórdia de Deus. Não importam tanto os pecados, mas o pecado. Os pecados também, enquanto bem interpretados, são manifestações do pecado, isto é, não tanto atos, mas os atos enquanto são manifestações da atitude. Trata-se de uma confissão em atitude cultural, numa manifestação de profundo relacionamento com Deus. Por isso, a confissão pode começar com uma fórmula de confissão geral como o "Confesso a Deus". Aqui estabelece-se o caráter dialogal da penitência. O sacerdote tem a função de ajudar a interpretar os pecados para que o penitente realize uma verdadeira conversão do seu pecado. O sacerdote torna-se o pregador da Palavra misericordiosa de Deus. Ajudará o penitente a fazer o confronto de usa vida com a Palavra de Deus, com o ideal a ser atingido; incitá-lo-á a uma verdadeira conversão e à perseverança no bem.

O sacerdote impõe-lhe, em seguida, uma penitência, chamada também satisfação. Trata-se de um ato de penitência ou exercício de penitência que pode ser considerado como uma expiação dos pecados passados ou auxílio para a nova vida e remédio para a fraqueza. Contudo, devemos pensar mais numa linha de conversão. O penitente realiza um exercício de conversão, onde a ação não vale tanto pelo que é, mas pelo que significa. Ora, o melhor exercício de penitência como conversão continua sendo a oração. E como tal ela pode ser dada como exercício de conversão para Deus e para o próximo. Serão oportunos também expressões de renúncia de si mesmo, serviços prestados ao próximo e obras de misericórdia, que realcem o aspecto comunitário do pecado.

d) **Oração do penitente e absolvição do sacerdote.** Em seguida, o sacerdote convida o penitente a expressar seu arrependimento. O penitente recita um breve ato de contrição. Para isso haverá várias fórmulas a escolher. Nesta atitude de humilde reconhecimento de sua condição de pecador, o penitente pode ser reconciliado. Quem expressa sua reconciliação com Deus e com a comunidade é o ministro em nome da comunidade eucarística. Em vez das várias orações de absolvição do rito antigo que foram introduzidas no decorrer dos séculos, temos agora uma fórmula

simplificada, mas muito rica. O sacerdote, extendendo as mãos ou ao menos a mão direita sobre a cabeça do penitente, diz:

"Que Deus, Pai de misericórdia, tendo reconciliado o mundo consigo pela morte e ressurreição de seu Filho e derramado o Espírito Santo para a remissão dos pecados, conceda-te o perdão e a paz pelo ministério da Igreja. E eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, e do Filho + e do Espírito Santo".

O penitente responde: Amém.

A nova fórmula de absolvição indica que a reconciliação do penitente procede da misericórdia do Pai; mostra a relação que existe entre a reconciliação do pecador e o mistério pascal de Cristo; realça a função do Espírito Santo na remissão dos pecados; e, enfim, focaliza o aspecto eclesial do sacramento, no sentido de que a reconciliação com Deus é pedida e concedida pelo ministério da Igreja (**Cf. n.º 19**).

f) **Proclamação do louvor de Deus e despedida do penitente.** Tendo recebido o perdão dos pecados, o penitente proclama a misericórdia de Deus, rendendo graças a Deus por uma breve aclamação tirada da Sagrada Escritura. O sacerdote poderá dizer: "Demos graças ao Senhor porque ele é bom". E o penitente responderá: "Porque eterna é sua misericórdia".

E o sacerdote despede o penitente com estas palavras ou outras semelhantes: "O Senhor perdoou os teus pecados. Vai em paz".

Esta proclamação e despedida criam o relacionamento entre a celebração da penitência e a vida, pois o penitente continua sua conversão e a expressa por uma vida renovada segundo o Evangelho de Cristo e impregnada mais pelo amor de Deus (**Cf n.º 20**).

Como vemos, uma penitência bem celebrada, mesmo na reconciliação individual dos penitentes, não deverá passar como um relâmpago. Ela possui agora uma Liturgia bastante mais explicitada, onde se realça o confronto com a Palavra de Deus. Em casos de necessidade, é claro, o sacerdote poderá omitir partes do rito; mas devem conservar-se sempre: a confissão, a aceitação da satisfação, o convite ao arrependimento, a fórmula da absolvição e a fórmula de despedida.

g) **Dois gestos a serem valorizados.** Existem na celebração da penitência dois gestos que merecem especial apreço por causa de seu significado: a imposição das mãos e o ajoelhar-se e levantar-se.

A imposição das mãos. Ao absolver, o sacerdote impõe as mãos sobre a cabeça do penitente. Só não o faz de maneira mais visível e significativa por causa do caráter incômodo do confessionário. A imposição das mãos na Liturgia tem a ver sempre com a ação do Espírito Santo. Exprime os diversos efeitos da penitência sacramental pela ação do Espírito Santo: o dom do Espírito Santo que reconcilia com Deus e com a Igreja, que perdoa os pecados como o fez Cristo no dia da Páscoa, soprando sobre os Apóstolos. O dom do Espírito

Santo como graça de conversão ou penitência para que o fiel possa viver na atitude de conversão contínua, evitando o pecado e crescendo na santidade. É a graça da penitência.

Ajoelhar-se e levantar-se. O gesto do penitente de confessar-se ajoelhado deveria ser mantido por causa de seu profundo significado. Por-se de joelhos é um gesto que significa humildade, dependência, arrependimento. Ajoelhar-se e levantar-se pode significar que o fiel vive o mistério da humilhação e da exaltação, da Morte e da Ressurreição de Cristo vivido na celebração da penitência. Exprime aquilo que tantas vezes Nosso Senhor disse aos doentes e pecadores: "Levanta-te e anda", ou: "Vai em paz e não peques mais".

O Rito para a reconciliação de mais penitentes com confissão e absolvição individual é por assim dizer uma confissão preparada por uma celebração da Palavra de Deus. Melhor, uma celebração da penitência inserida dentro de uma celebração da Palavra de Deus. A celebração comunitária manifesta melhor a natureza eclesial da penitência. Os fiéis ouvem a Palavra de Deus que proclama a misericórdia de Deus e os convida à conversão. Confrontam sua vida com a Palavra de Deus e os convida à conversão. Confrontam sua vida com a Palavra de Deus e ajudam-se mutuamente pela oração. Em seguida, cada um confessa e recebe a absolvição. Depois todos juntos louvam a Deus pela misericórdia obtida pelo sangue redentor de Cristo (**Cf n.º 22**).

O que há de extraordinário no Sacramento da Penitência é que Nosso Senhor valorizou o que há de mais negativo, de mais fraco e miserável no homem para glorificar a Deus e transformá-lo mais e mais à sua imagem: o pecado. Não para que pequemos, mas para que, tendo pecado, mesmo no pecado encontremos motivo para colocar-nos em relação cultual com Deus, celebrando com alegria e paz suas maravilhas porque sua bondade é eterna.

OS RETIROS E A DIREÇÃO ESPIRITUAL

PE. OSCAR MUELLER, SJ

1. TAREFA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

1.1. A Direção Espiritual visa ajudar o retirante a chegar a um encontro definitivo (para toda a sua vida) com Deus, através justamente desta ajuda da Direção Espiritual.

1.2. Há diversos métodos de orientar o retiro. Em todos eles é importante levar a pessoa a um contato concreto, real com Deus vivo e verdadeiro que se revelou em Jesus Cristo, através:

1.2.1. Dos exercícios de reflexão e oração, próprios de cada método, para se encontrar com Deus.

1.2.2. Do contato de amizade com o Diretor Espiritual ou com outras pessoas do grupo.

1.2.3. Este contato concretiza o contato com Deus, tornando-o mais real, mais encarnado na situação da pessoa.

1.2.4. Por isso é preferível dar o retiro a pessoas em particular ou a grupos pequenos que permitem um contato pessoal com o Diretor Espiritual e os membros do grupo.

2. ATITUDES PRÓPRIAS DO DIRETOR ESPIRITUAL

Para que os retiros alcancem o seu efeito, o Diretor Espiritual deve dar atenção a algumas linhas hoje particularmente importantes tanto na exposição da matéria (de qualquer modo que esta seja feita) como na atitude pessoal.

2.1. **Na exposição da matéria.** Devem ser acentuadas as seguintes linhas:

2.1.1. A iniciativa de Deus para acolher o homem em sua comunhão vital de amor e felicidade, juntamente com muitos irmãos.

2.1.2. Esta bondade, iniciativa de Deus, é infinita não se deixando cansar pela infidelidade e mesquinhez do homem quaisquer que sejam os seus pecados.

2.1.3. A bondade de Deus coloca à disposição do homem, todo o universo, para servir ao bem-estar do homem, para o qual o dedicar-se ao bem-estar dos homens é executar a vontade de Deus.

2.1.4. O pecado é perdoado pelos merecimentos de Cristo de tal modo que ao homem que se arrependeu (e confessou) não é exigido senão que daqui para a frente faça o bem, não se ocupando mais do passado.

2.1.5. A todos Deus acolhe como colaboradores no seu Reino, destinando-lhe um lugar importante e insubstituível, ainda para o mais pobre em dons e capacidade.

2.1.6. O serviço do Reino pode ser de qualquer tipo humanamente aceitável, conforme a situação e vocação concreta de cada um, serviço que seja expressão de amor aos outros.

2.1.7. Só cada pessoa, por si e diante de Deus, é capaz e responsável de descobrir e assumir o serviço que lhe é destinado; nele pode contar com o apoio e com a amizade de Deus.

2.1.8. Nenhuma situação terrestre é de felicidade plena e definitiva; esta só se pode esperar do dom de Deus, quando a Ele tivermos dado tudo, na morte.

2.1.9. A presença e amizade de Deus (comunhão) são realidade feliz já hoje, e todo encontro com as criaturas proporciona uma renovação e um aprofundamento da comunhão com Deus.

2.1.10. Essa atitude de "em tudo encontrar Deus" deve ser cultivada na oração-reflexão-conversa que dispõe para a contínua doação ao serviço dos outros, serviço de qualquer tipo, mas que visa também nos outros seu encontro-comunhão com Deus.

2.2. **Na atitude pessoal do Diretor Espiritual.** Na sua atitude concreta com o retirante, o Diretor Espiritual deve seguir as seguintes linhas, para que sua atitude seja exercício concreto de amor (e de sumo amor, porque visa o sumo bem do retirante):

2.2.1. Querer ajudar para a plena realização da pessoa pelo encontro com Deus, agora e sempre.

2.2.2. Supor no retirante boa vontade, capacidade, ajuda da graça.

2.2.3. Compreender as dificuldades pessoais e ambientais do retirante.

2.2.4. Esperar com paciência o crescimento, nunca manifestando descontentamento e decepção.

2.2.5. Colocar as ajudas para que a pessoa possa dar os passos para o seu crescimento.

2.2.6. Animar sempre de novo e incansavelmente a continuar no esforço, a recomeçar, com bondade, firmeza, esperança.

2.2.7. Apontar os progressos, os pontos firmes já alcançados.

2.2.8. Indicar as maneiras de progredir ulteriormente, em base do que já se alcançou.

2.2.9. Deixar procurar e caminhar sozinho, com os próprios recursos.

2.2.10. Estimular o retirante para a ajuda que ele poderá prestar a outros, a partir da sua experiência.

3. A DIREÇÃO ESPIRITUAL FORA DOS RETIROS

Os retiros alcançam todo o seu efeito não apenas no breve tempo a eles dedicado, mas precisam de continuação, tanto da parte do retirante como da parte da Direção Espiritual. Nesta continuação são importantes as seguintes linhas:

3.1. Na atitude pessoal do Diretor Espiritual:

3.1.1. Um relacionamento pessoal, maduro, confiante, compreensivo.

3.1.2. Uma valorização total de tudo que é autenticamente humano.

3.1.3. Uma fé inabalável na bondade-presença-comunhão com Deus que completa e supera tudo que há de valor humano.

3.1.4. A convicção de que a realização ideal do homem está na sua dedicação-doação-amor ao serviço do bem-estar verdadeiro dos outros, para a fraternidade de todos.

3.1.5. A certeza de que todo homem disposto a esse serviço dos outros pode perceber em si a presença-amizade-comunhão com Deus, se ele for atento aos sinais desta presença nele.

3.2. Na ajuda concreta oferecida:

3.2.1. Pelo caminho da oração (escuta da Palavra).

3.2.2. Pela prática da caridade.

3.2.3. Com a ajuda de todos os meios da ciência moderna, especialmente da psicologia.

4. DIFICULDADES PSICOLÓGICAS E DIREÇÃO ESPIRITUAL

Além das dificuldades morais que provêm das tendências más do homem e da sua decisão livre, existem dificuldades psicológicas que às mais das vezes resistem a um tratamento tradicional da ascese e do esforço moral do homem. Convém sejam conhecidas as causas dessas dificuldades e os meios de superação.

4.1. **Dificuldades provindas da fixação negativa da afetividade.** A maior parte das dificuldades psicológicas provêm da fixação negativa da afetividade e de lá estão influindo tanto na atividade da inteligência como no comportamento da pessoa.

Veja meus artigos no **Grande Sinal:** Dezembro, 1971: **Um tipo de fixação afetiva.** Abril, 1973: **Estorvos na Vida Religiosa.** A aparecer: **Sofrimentos insuspeitados e sua superação.**

4.2. **A superação pela oração — Exercícios de S. Inácio.** Os exercícios de S. Inácio e uma vida espiritual orientada segundo eles, depois do retiro, oferecem elementos capazes de superar também as dificuldades psicológicas de que falamos. São os seguintes:

4.2.1. Põem em contato com o amor de Deus colocado em evidência na vida da pessoa.

4.2.2. Põem em contato com alguém que ama concretamente a pessoa, o Diretor Espiritual.

4.2.3. Afirma o perdão de todo o mal que se fez no passado, de novo em aplicação à pessoa do retirante.

4.2.4. Convocam para um serviço útil hoje, em valorização dos mínimos dons que a pessoa possui, em qualquer lugar e situação.

4.2.5. Fazem encontrar Deus em todas as criaturas como obras de Deus colocadas ao serviço do bem-estar de todos.

4.2.6. Apresentam o sofrimento como obra de valor que não separa, mas une mais a Cristo e a Deus.

4.2.7. Colocam o valor do homem (sua realização) não em ter sucesso, mas em sempre amar, querer o bem dos outros.

4.2.8. Prometem a realização plena como dom de Deus, garantido na ressurreição e vida eterna, para todos os que se esforçaram (quiseram) a fazer o bem, nesta vida.

4.2.9. A pessoa que se abre, aos poucos e perseverantemente, a estes valores, é libertada dos efeitos negativos, de traumas infantis e seus esforços posteriores, adquirindo uma emotividade equilibrada, de reações normais, e é tornada capaz de se colocar mais positivamente ao serviço do bem-estar dos outros.

4.2.10. Mas em muitos casos (de jesuítas hodiernos por exemplo) este método não produziu o efeito anunciado! A razão está em que o método não foi aplicado na sua qualidade autêntica, mas justamente de maneira deturpada pelos próprios elementos oriundos do trauma e acentuando os lados negativos (como em toda a ascese católica). E isso tanto no conteúdo como na forma. E portanto frustrando o bom efeito que naturalmente o método teria produzido.

4.3. **A superação pelo tratamento psicológico.** O tratamento psicológico pode superar apenas uma parte das dificuldades da pessoa e não se deve dele esperar a realização total da pessoa. Esta só pode ser oferecida pela religião. Por isso o tratamento psicológico sempre deve ser acompanhado com uma Direção Espiritual adequada, garantindo então e acelerando a completa realização da pessoa.

4.3.1. Em casos graves é preciso recorrer ao médico (psicólogo ou psiquiatra) que há de aplicar uma das terapias comprovadas.

4.3.2. Em casos mais leves (que são muito comuns) pode ser aplicado o método do discernimento, que consiste em:

a) Conscientizar a proveniência do trauma.

b) Julgar o trauma como proveniente do passado cada vez que ele se manifeste.

c) Entretanto, fazer o bem que se puder fazer, apesar de tudo.

d) Dar atenção a tudo que há de positivo na pessoa e na sua atividade.

Assim fazendo, as dificuldades hão de desaparecer dentro de relativamente pouco tempo.

ASPECTOS SOCIAIS DO MUNDO ATUAL E A VIDA RELIGIOSA

Este é o texto da conferência que a Irmã Maria Begoña de Isusi, Missionária Mercedária de Bérriz, pronunciou no Salão Nobre da Casa Generalícia dos Padres Salesianos, em Roma, no dia 21 de novembro de 1973, por ocasião de uma sessão das Superioras Gerais residentes em Roma, das Superioras Gerais delegadas à Assembléia da UISG e das representantes das Conferências dos Religiosos de todo o mundo.

Introdução

Vivemos num mundo que é um imenso cenário em ebulição. Grandes problemas se misturam com admiráveis realizações. Nascem conjuntamente o entusiasmo e a angústia frente aos acontecimentos prenhes de poder e de ambigüidade. Neste panorama a busca de caminhos novos e de soluções válidas para a **convivência humana** gera uma tensão contínua de pessoas, de grupos, da sociedade em geral e da própria Igreja. Este objetivo da convivência humana precisa ser o eixo central que norteie os serviços de nosso **testemunho** e de nossa **ação** no mundo atual. Não descubro outra ótica para realizar hoje o mandamento novo de nossa fé.

A pessoa humana, por sua natureza, feita para a comunhão com os outros, como diariamente as ciências humanas sublinham com maior profundidade (1), e aberta pela fé para a comunhão com Deus, e em Deus, aberta para a fraternidade universal, cada dia se conscientiza mais de que só uma convivência humana, digna, justa, pacífica, na qual possa se realizar como pessoa junto de outras pessoas, é o objetivo único que pode dar sentido positivo ao progresso, em qualquer de suas acepções e aspectos. Ninguém duvida de que em nosso mundo atual a pessoa se encontra terrivelmente ameaçada, combatida e manipulada. Em alguns lugares isto se dá pela lenti-

IRMÃ BEGOÑA DE ISUSI, MMB

dão do desenvolvimento e pela situação precária em que se vive; em outros, pela opressão que os valores impessoais da era tecnológica (ciência, produção, organização) exercem sobre o homem, ao ignorá-lo como pessoa e escravizá-lo aos seus fins.

É neste cenário humano que se desenrola nossa vida. Como crentes e como pressoas comprometidas por nossa livre opção a viver uma existência evangélica e apostólica, temos a missão de revelar aos homens a grande fraternidade e de anunciar a **nova vida** no Senhor Jesus, na qual não há raças nem fronteiras.

Da responsabilidade desta missão entre os homens nasce uma primeira e dupla necessidade: não podemos desconhecer nosso mundo atual se queremos atuar sobre ele. Nem podemos nos **marginalizar** em função daquilo que em outros tempos talvez pudesse ter sido tarefa apostólica válida, porque o cenário humano era outro, diverso do cenário de hoje.

Nossas reflexões terão duas partes.

Primeira: Consideraremos alguns aspectos sociais do mundo atual numa visão macrossociológica, isto é, nas grandes constantes universais. A preocupação e a pergunta de fundo que todos devemos sublinhar serão: **Como atuar** neste mundo? Com que **atitudes válidas,** a partir do evangelho, e **construtivas,** dentro da missão que Cristo nos confiou, de anunciar e realizar a fraternidade universal?

Segunda: Conscientes de que as grandes constantes da mudança social deste macrocosmo, estão repercutindo nas pessoas, nas aspirações, nos problemas dos religiosos, naquilo que poderíamos apelidar de nosso microcosmo: congregação religiosa, comunidade, consideraremos alguns aspectos sociais de nossos próprios grupos. Nossas comunidades são o anteparo onde ecoam a grande situação universal e elas compartilham, consciente ou inconscientemente, por diversos motivos, das grandes interrogações e das grandes aspirações de nossa hora histórica. Algumas destas interrogações e destas aspirações estão exigindo uma resposta concreta da interação social de nossa vida consagrada.

A razão que nos levou a refletir sobre esta segunda realidade microssocial da vida religiosa é muito simples: a experiência e a constatação empírica mostram que, quando uma congregação religiosa ou um grupo de religiosos, uma comunidade por exemplo, vive fortes tensões no interior do grupo, tensões que levam o grupo a viver a experiência da frustração, aí se esgotam a capacidade missionária e o mesmo empuxo apostólico das pessoas e da comunidade como tal. O grupo se esteriliza nos esforços para solucionar a própria problemática e, com freqüência, fecha sobre si mesmo. O que se pode esperar como "presença ativa e evangélica" para os homens, de pessoas nesta situação? Daí se justificar, nestes momentos de forte e universal mudança, uma reflexão sobre determinados processos da realidade social de nossa própria vida.

PRIMEIRA PARTE

1. Paradoxos atuais: a nova consciência do homem e do mundo

Um conjunto de fatos importantes, não propriamente de ideologias ou sistemas estabelecidos de pensamentos, se impõe hoje continuamente, com sua própria verdade e evidência, ao homem de todo tipo e condição. Estes **fatos** são a origem e a força mais responsáveis pela **mudança social.** São eles que dão ao homem uma **nova consciência de si e do mundo** que, cada dia, estão mais em suas mãos (2).

O homem tem consciência de que, no terreno técnico, com as chaves das ciências em suas mãos e com poderosos meios para aplicar suas conquistas à vida humana individual e social, ele é a causa de grandes transformações e de surpresas crescentes que elevam o nível da vida e tornam mais patente seu poderio sobre a natureza e a própria história.

A era tecnológica, com tudo o que ela supõe de organização, progresso, produção, eficácia de ação, aplicação da ciência, etc., é uma realidade conquistada por alguns países, aqueles que atingiram o desenvolvimento; e é um ideal, embora longínquo, porém justa e raivosamente buscado por aqueles em vias de desenvolvimento. Neste processo é muito grande o desequilíbrio entre povos e nações. Crescem as escravidões mútuas, as marginalizações. As dificuldades são imensas para alcançar uma situação humana digna, justa e autônoma.

No terreno social e político, estes fatos vivem no **desejo de participação crescente das pessoas na vida do próprio grupo humano.** O esfacelamento dos regimes coloniais, uma necessidade para o acesso dos povos à sua independência humana e sócio-econômica, é um processo ativo e dinâmico, por isso também doloroso e trágico.

As relações se multiplicam entre os povos aparecendo mais clara a interdependência mútua e tornando mais evidentes as escravidões. A **socialização cresce.** Constata-se que o desenvolvimento está levando consigo à necessidade de constituir organismos de caráter mundial capazes de equilibrar as aspirações e as ambições de povos e de potências. Nossa época multiplicou e ampliou estas relações de solidariedade entre grupos e estados. Contudo, este relacionamento não se verifica com a nitidez e a transparência de uma aceitação mútua e numa linha de premissas justas. Com freqüência, são uma engrenagem a mais na estrutura organizativa que busca equilibrar egoísmos, tornando mais poderosas as superpotências que oprimem e mais débil a voz dos que gemem sob a opressão. A socialização leva em algumas circunstâncias o signo real da escravidão.

Estes fatos sobre afetar a pessoa humana em sua obra, e na realidade histórico-social que pretende construir, **autotransforma ainda o**

próprio ser humano. Ao transformar sua jerarquia de valores, transforma simultaneamente a relação que o homem tem com a natureza e com seus semelhantes e, conseqüentemente, a relação que tem com Deus. Repercussão deste fenômeno é uma forte mudança na pessoa humana e em sua ação. Cresce a criatividade do ser humano e cresce a consciência de seu poder e de sua responsabilidade na história. A fé, a partir desta nova consciência, torna-se mais encarnada e é vivida como uma relação pessoal com Cristo, o que gera um imperativo fundamental: crer é comprometer-se com o irmão. É ser responsável pela construção do reino na história (3).

Esta nova consciência que a pessoa tem de si e do mundo, é uma aventura apaixonante e ambígua. Desfez-se, de uma parte, a dependência em que o homem viveu, durante séculos, com a natureza, e cresceu seu senhorio, como pessoa, como cresceu ainda conjuntamente, sua experiência individual e social, de seus limites como homem. Tornou-se mais patente a terrível ambigüidade de suas obras. É a consciência do pecado, individual e coletivo, pecado que nasceu de nosso egoísmo, apesar de termos sido feitos para o amor e para a comunhão. Somos, pois, hoje testemunhas de que as pessoas, e as instituições criadas por estas pessoas, resultam um paradoxo impressionante de valores e contra-valores em nosso mundo atual.

● Se é verdade que cresceram os contatos entre os homens e cresceu a socialização, também é verdade que são **virulentos os ataques** à pessoa humana, seja por sua ideologia, pela sua raça, pela sua origem.

● Mais gritantes se tornaram os problemas de **marginalização.** Priva-se de direitos a grupos de pessoas deixando-se na vida real, como cidadãos de segunda e terceira categorias. Este fenômeno é uma semente fecunda de ódios e de reivindicações, fonte de uma convivência conflitante e injusta. O pecado social da marginalização tem um nome próprio em cada país. São os **pobres** de nossos dias. Sabemos citar o nome próprio dos marginalizados aqui onde trabalhamos? Podemos afirmar que estamos com eles em nossa ação apostólica?

● O racismo, o machismo, o consumismo, a segregação ideológica individual e social, dos grupos mais fracos no desenvolvimento sócio-econômico e simultaneamente humano, são outros tantos pecados coletivos de nosso mundo atual. Neste mundo onde se afirmam em grandes declarações os **Direitos da Pessoa Humana,** como valor central da história e da vida, somos testemunhas continuamente da opressão que sofrem milhões de pessoas e de grupos humanos. Eles são um sinal vivo da limitação e da ambigüidade de nosso próprio ser e uma presença concreta do pecado na história humana.

Existe ainda outro fator que exerce grande influência nesta situação social: os **mass-media,** os poderosos meios de comunicação. Eles nos forçam a viver acordados e a participar, num lapso de tempo calculado em instantes, a esperança

e a angústia de toda a família humana, em seus acontecimentos mais importantes, em seus grandes avanços e em suas terríveis tragédias. Também eles são objeto de manipulação e simultaneamente instrumentos para manipular as pessoas e os acontecimentos. Esta breve análise quis colocar em relevo os grandes paradoxos do mundo atual.

2. Nossa atitude frente à realidade macrossocial

Como viver nesta situação do mundo e como ser germe ativo da fraternidade universal do reino? Vamos indicar algumas atitudes que, possivelmente, exigirão uma grande e criadora ascese.

Não vale ouvir. Não conta a passividade. Os modelos do passado inexistem.

É neste cenário, cada vez mais próximo e mais admirável, terrível e perigoso, onde a ação do homem é mais poderosa e mais ambígua, que nós mulheres consagradas precisamos estar **presentes e ativas.** Não pode ser ideal de nossa existência apostólica, o que talvez foi ideal da vida religiosa, até a alguns tempos atrás: ouvir a realidade do mundo e tratar de desenvolver a própria existência numa espécie de paraíso antecipado, separado de toda realidade e conseqüentemente, sem influência alguma no contexto social que nos cerca (4).

Esta atitude de ouvir a realidade trouxe uma séria conseqüência: reduziu, de fato, a vida religiosa a uma categoria sociológica de um grupo de marginalizados, com pouca ou nehuma influência na vida social. Esta marginalização foi, algumas vezes, encoberta pela aparente realização de grandes obras apostólicas. Hoje, com um mínimo espírito crítico, perguntamos pela eficácia e pelo sinal evangélico destas obras. A pergunta é boa e está exigindo uma resposta. Olhando para nossas antigas alunas, para suas opções sociais na vida, para seu comportamento face à evolução e às mudanças na mesma Igreja, é bom que nos questionemos sobre a consistência e a influência evangélica. Esta pergunta poderia se multiplicar tomando outras feições de conformidade com a diversidade dos campos de nossa atividade apostólica.

Hoje a vocação apostólica se torna mais profética: busca-se uma presença comprometida na ação pela libertação dos homens.

Como responsáveis pelo governo na vida religiosa, conheceis bem a forte vocação que as pessoas e os grupos religiosos sentem hoje em querer compartilhar com os grupos mais fracos, a situação desequilibrada do desenvolvimento humano. As religiosas querem ser hoje uma voz profética e uma consciência que denuncie à sociedade suas injustiças e que trabalhe eficazmente contra elas, lutando pela libertação dos

marginalizados. Esta atitude profética suscita novos modelos de presença e de ação na marcha para a convivência humana no amor e nos valores evangélicos, no meio de nossa realidade concreta (5).

Esta atitude nasce da convicção de que a história da salvação se dá numa só e única história: a história humana. Cristo quer estar presente no mundo de hoje, como ontem e amanhã, através do testemunho e da ação daqueles que acreditam nele.

Sentido crítico-profético e discernimento evangélico.

Esta é a atitude fundamental de nosso como estar presente no mundo: sentido crítico-profético e discernimento evangélico, capazes de detectar os valores e as ambigüidades da história humana. A partir daí poderemos discernir o campo onde precisamos estar presentes e o modo concreto de agir que nos pede a análise da realidade para que seja eficaz nossa presença com referência ao reino.

É importante que a ação apostólica nasça deste espírito realista e crítico. A vida religiosa e a Igreja realizaram o artesanato da caridade, com abnegação admirável, mas compartilhavam a cumplicidade de grandes pecados coletivos. Às vezes, as mesmas pessoas que se beneficiavam de nossa ação e de nossa caridade, eram sujeitos passivos da injustiça. Ou então: nossos grandes benfeitores, foram agentes responsáveis pela manutenção de situações anti-cristãs.

Isto está a dizer-nos que certas formas de ação apostólica puderam talvez ser válidas em outro contexto histórico. Hoje certamente não o são. A caridade começa com a justiça. A história, nossa própria história, nos ensina a necessidade de analisar constantemente nossa ação com agudo sentido crítico a partir do evangelho para que não se repitam estas situações passadas.

O mundo atual, complexo e ambígüo, nos exige estratégia, eficácia, flexibilidade na ação e na avaliação, evangélicas e continuadas, para que não contamine de interesses humanos ou de complicações anti-evangélicas, a realização efetiva de nossa ação. Sim, dinheiro, poder, aliança com os poderosos, segurança do que é institucionalizado, cumplicidade com os opressores etc. são outros tantos riscos e tentações reais de toda e qualquer ação que se realiza neste mundo.

O espírito crítico-profético ajuda a descobrir as novas necessidades dos homens e a realizar o reajuste histórico de nosso carisma: viver o que existe de perene neste carisma, pela sua forte tensão evangélica e adaptar seus condicionamentos históricos às novas circunstâncias da vida de nossos irmãos (6).

SEGUNDA PARTE

A realidade social no interior de nosso grupo religioso

Nossos próprios grupos de vida e de ação refletem consciente ou inconscientemente os impactos que os acontecimentos e a mudança social do mundo provocam. Vou citar, embora brevemente, os aspectos que a partir de investigação e de pesquisa, estão sendo afetados hoje na vida religiosa.

1. A mudança e seu ritmo acelerado estão exigindo grande dinamicidade diante da vida e dos problemas e frente a solução que exigem os novos objetivos apostólicos. É um verdadeiro desafio lançado à vida religiosa e que exige dela flexibilidade e dinamicidade na resposta. Ninguém pode negar que a atitude institucionalizada num passado não muito longínquo era contrária: estaticidade, rígida fidelidade a modelos passados, formas fixas e estáveis de vida e de ação. É, pois, importante a mudança de atitude. Este novo mundo requer de nós uma ascese nova e criadora oposta àquela do passado. Esta mudança num grupo numeroso e institucionalizado, esta atitude nova, traz sérias conseqüências e implicações.

◆ O fato de se abrir ao **novo cria insegurança** nas pessoas e nos grupos, em toda a Congregação e mais intensamente em seus últimos responsáveis (7). É preciso correr o risco do desconhecido, o que é difícil porque ninguém tem experiência dele. Mas é preciso igualmente vencer, pela fé e pela esperança, esta reação humana do temor e da insegurança, numa atitude evangélica de perene êxodo e criatividade para poder realizar a missão do Senhor hoje.

◆ É imprescindível atuar, caminhar, inventar novas formas de vida e de ação eficaz, ao mesmo tempo, revisar, objetiva e seriamente os resultados. Abertos à realidade, haveremos de incorporá-los, mediante novos aspectos de nossa formação. Não fazê-lo, é optar pelo passado que não tem continuidade neste mundo em que nos toca viver.

◆ Sentindo a realidade, incluindo também aquelas congregações religiosas que optaram viver abertas à atual realidade temos que afirmar que é um fato: contamos com muitas religiosas que não poderão adaptar-se à mudança por múltiplas razões. Este fato cria fortes tensões na convivência religiosa e grandes dificuldades para o governo e para a ação. Com o objetivo de solucionar tais dificuldades e tensões os superiores têm uma tarefa nova no governo: alimentar continuamente a comunhão interna, em mútuo respeito, numa sincera pluralidade e no amor cristão que está para além das diversas diferenças humanas.

2. É uma constatação em nosso mundo: enquanto a socialização cresce e se multiplicam por toda parte os organismos que tendem à realizá-la, a **pessoa humana se sente ameaçada em sua individualidade,**

e tende a uma reação, ansiosa de relações pessoais e de estruturas comunitárias, como expressão de seu anseio de renovar a mesma vida e a sociedade. Este fato está fazendo florescer, em toda parte, especialmente no âmbito das instituições religiosas, **novas formas de vida comunitária** (8).

Todos conhecem e têm dados a respeito do anseio das religiosas em formar comunidades fraternas. Todos conhecem também as dificuldades sérias de se chegar à realização deste ideal, a partir de um passado tão individualista e das frustrações que, pela impossibilidade de alcançá-lo, estão sofrendo as pessoas e os grupos. O fenômeno da tendência à formação de grupos comunitários supera as fronteiras dos religiosos e invade a vida humana em geral. Creio que as experiências e os estudos destes anos permitem afirmar hoje alguns fatos concretos, relativos a este processo em nossa vida religiosa.

● Uma comunidade religiosa que busca funcionar sobre uma motivação predominantemente psicológica ou sociológica, não persevera como comunidade religiosa. Mesmo a presença nesta comunidade de membros de qualidade vocacional fora de qualquer dúvida em sua vida consagrada, não poderá eliminar o fracasso. As tensões do grupo quase sempre são mais fortes e prevalecem.

Igualmente, uma comunidade religiosa que busca funcionar só com motivos espirituais e ideais evangélicos prescindindo do contexto psico-social das pessoas, de sua inter-relação, de suas possibilidades de comunicação e de convivência, é impossível que persevere como comunidade religiosa. É indispensável o equilíbrio entre ambas as vertentes.

● O ideal formulado, muitas vezes como o supremo ideal em nossa vida de consagração, a perfeição cristã, dada a nova sensibilidade humana e evangélica, pode produzir hoje um grande dano, como no passado, à mesma vida religiosa comunitária.

Lutar toda a vida, consigo mesmo e com os demais, para alcançar a perfeição em si mesma é algo que cria uma experiência contínua, própria e alheia, de frustração. Pelo contrário, fomentar na vida pessoal e na vida de grupo as grandes atitudes cristãs do perdão, da generosidade, da misericórdia, da compreensão, mensagens que o Novo Testamento proclama como sinais de comunidades de cristãos, é ajudar a que a comunidade religiosa desenvolva a vida de cada dia, numa verdadeira fraternidade, em grande realismo, em maturidade cristã e humana. Nosso mundo hoje, especialmente o mundo jovem, é mais sensível ao valor da fraternidade evangélica, do que ao perfecionismo, sempre limitado a um pequeno grupo de pessoas.

● Lograr no processo da vida das comunidades fraternas um grande equilíbrio entre a maturidade na dimensão evangélica da vida consagrada e a maturidade de interrelação pessoal necessária para uma sadia vida em grupo é **potenciar a fecundidade missionária** do mesmo grupo. Por outras palavras: viver a

fraternidade evangélica em nossa própria comunidade é o preço para anunciar e testemunhar aos homens, deste mundo repartido pelas divisões, pela ambição, pelo egoísmo, a boa nova do evangelho: Em Cristo todos somos um. Nele todos fomos libertados.

3. Na dinâmica da evolução da vida religiosa feminina precisamos nos conscientizar de que as religiosas vão alcançando a maioridade como pessoas. Isto afeta diretamente o processo de libertação da mulher na sociedade (9). Isto exige que sejam tratadas, valorizadas, organizadas, em sua vida, governo, ação, como pessoas.

◆ As religiosas abraçaram livremente compartilhar uma vida evangélica com um grupo fraterno e se engajar na ação profética e eclesial deste grupo, a Congregação. É preciso, pois, que vivam esta consagração na livre responsabilidade pessoal. A imagem da religiosa como pessoa livre e libertadora, aberta à relação interpessoal e à participação na vida de seu grupo e da Igreja, ainda é um ideal longínquo em muitas instituições e em muitas circunstâncias. Alcançar ou não este ideal pode ser o preço para a juventude encontrar em nossos grupos e instituições, um modelo válido para suas categorias cristãs.

◆ O crescimento da religiosa como pessoa, não elimina a complexidade do fato de conviver em inter-relações novas e verdadeiras e chegar a uma intercomunhão pessoal e profunda. Esta complexidade não se salva só pela vocação à vida de um grupo, requer também formação para esta vida de grupo, por isso requer o conhecimento dos meios que as ciências humanas e positivas fornecem para ajudar nos aspectos diferentes da maturidade pessoal tornando possível a intercomunicação.

4. Existe também nas religiosas, apesar deste forte ideal de vida comunitária fraterna, a tendência à segurança, própria de todo ser humano. Esta tendência mantém uma tensão dialética c o n s t a n t e entre duas realidades: pessoa e instituição. Cada grupo religioso deve conhecer e analisar, com objetividade, como se dão estas realidades para não crescer uma sufocando a outra. A instituição deve respeitar a livre e criadora responsabilidade das pessoas e as pessoas devem refugiar-se nas instituições, por uma inércia desejosa de segurança e de instalação. A instituição deve aspirar encontrar um posto médio de diaconia e serviço para as pessoas, e estas, numa atitude de disponibilidade responsável para com o grupo que escolheram, devem potenciar sua própria vida com a vida da instituição.

5. Finalmente quero recordar que a vida comunitária compreende inevitavelmente **conflitos** (10). Os conflitos devem poder manifestar-se. Explicitamente reconhece a sociologia que a perfeita harmonia é um mito. Reprimir os conflitos sem resolvê-los é aumentá-los. Por outra parte, o reconhecimento aberto de um conflito deve levar o grupo ao reconhecimento de seus próprios limites, de sua maturidade e levar à tomada de consciência com respeito ao valor relativo dos diversos

pontos de vista. Os conflitos são uma realidade com a qual se deve contar na vida em grupo e é preciso que as pessoas tenham a capacidade de poder convertê-los num trampolim para crescer na maturidade da mesma vida em grupo.

6. Na renovação da vida religiosa é imprescindível que todas as pessoas responsáveis sintam uma profunda preocupação para que se conserve o valor inestimável da unidade na Congregação.

À medida que a uniformidade se rompe pela aceitação mais sincera das pessoas, das culturas, etc. se compreende que a unidade que vinha desta uniformidade e válida até algum tempo, hoje resulte superficial diante da forte personalização da vida. Também antes da renovação, apesar da uniformidade exterior, e algumas vezes reprimida por ela, existiam em nossas congregações, situações muito diversas. Províncias religiosas agrupavam nações e regiões diversas, culturas diferentes, que não viviam em uníssono com o desenvolvimento histórico. Daí também a grande e profunda diversidade entre uma província e outra.

A lei da encarnação, uma constante na vida da Igreja, nos leva hoje a apreciar com fé histórica e encarnada, esta diversidade e nos leva a aspirar a uma unidade mais profunda que a uniformidade despersonalizadora do passado. Esta unidade não nos virá da uniformidade rompida, mas da **comunicação** e da **participação efetiva** na vida e na ação da família religiosa. A comunicação, se é autêntica, constante e sincera, manterá o sentido e a unidade do grupo. Ela poderá se constituir num critério para lograr uma participação responsável fazendo cada um assumir como próprias todas as decisões, riscos e realizações do grupo.

Estamos imersos, como as demais pessoas, numa abundante comunicação de vida, seja pelo trabalho, seja pelo relacionamento social. Se então nos chegar raramente a comunicação do grupo religioso, os laços da união e da solidariedade com a família religiosa desvanecem. A figura do grupo e o sentido da pertença a ele se tornam muito débeis e frágeis.

Quando a dispersão apostólica de uma congregação é forte, por exemplo, pelas tarefas missionárias, ou quando a pluralidade é mais abertamente aceita, torna-se mais necessário e urgente o fortalecimento da comunicação como vínculo criador de pertença ao grupo. Nestes casos e sempre, criar e cuidar da comunicação constantemente, sincera e autenticamente. Não bastará a comunicação oficial, jurídica, por sinal muitas vezes desencarnada. Torna-se urgente potenciar um fator positivo a favor da unidade mais profunda da Congregação, cultivando o grande meio de unidade real das pessoas na vida. "Se não nos podemos comunicar, tampouco poderemos ter algo em comum"(11).

Conclusão

Para se viver hoje requerem-se olhares atentos e reflexão crítica, consciente e séria, para trabalhar

eficazmente na construção de uma convivência humana, de amor fraterno, neste mundo concreto de profundas transformações, embora possa parecer uma meta difícil e quase utópica. "Nossos votos são uma libertação para cumprir e realizar mais plenamente a caridade". A história humana nos lança hoje um desafio bem concreto com relação ao como viver a caridade: viver o amor numa época de grande progresso e de terríveis tensões e marginalizações.

Isto está a exigir flexibilidade dinâmica e novas formas de testemunhar e atuar entre os homens. O desafio é dirigido às pessoas e às instituições. Cuidar com realismo das pessoas e das instituições, na nova problemática que os grupos vão apresentando, é potenciar nossa capacidade de missão e abrir um futuro de esperança para as pessoas, embora rodeados de ameaças e inseguranças, próprias de um mundo em mudança.

NOTAS

1. ORAISON MARC, **Être avec la relation a autrui,** Ed. Centurion, Paris 1968, e todos os modernos estudos sobre dinâmica de grupos, entre eles a obra de MAILHIOT, B., **Dinamique et genèse des grupes,** Ed. de l'Epi, Paris 1968.

2. LOPEZ GARCIA, J., **La sociedad tecnológica,** em Fomento Social, 110, 1973, página 119 a 132. BELMUT, SCHELSKY, **El hombre en la civilización científica y otros ensayos,** Ed. Sur, Buenos Aires 1967. GALBRAITH, J., **El nuevo estado industrial,** Ed. Ariel, Barcelona 1967. ROSZAK, TH., **El nacimiento de una contracultura,** Ed. Kairos, Barcelona 1970. REICH, CH., **The Greening of America,** Santam Book, Novalorque, 1971.

3. Este é o sentido da reflexão teológica que leva o nome de teologia política na Alemanha com Metz, e teologia da libertação com os autores latino-americanos. GUTIERREZ, G., **Teología de la liberación,** Ed. Sígueme, Salamanca 1972. VARIOS, **Fe cristiana y cambio social en América Latina,** Encuentro de El Escorial, Ed. Sígueme, Salamanca 1973. AVILA, R., **Elementos para una evangelización liberadora.** Ed. Sígueme Salamanca 1971.

4. LOPEZ, J., ISUSI, B., **El reto de la sociedad moderna a la vida religiosa,** Ed. Mensajero, Bilbao 1971. SEBASTIAN, F., **Secularización y vida religiosa,** PPC, Madrid 1970.

5. ZEVALLOS, N., EDWARDS, M., AGUDELO, M., **Nuevas formas de vida religiosa y de comunidades religiosas en América Latina,** I e II, em Fe cristiana y cambio social en América Latina, o. c., pp. 373-381.

6. CODINA, V., **Teología de la vida religiosa,** cap. II, Ed. Razón y Fe, Madrid, 1969.

7. TOFFLER, A., **El shock del futuro,** Ed. Plaza y Janes, Barcelona 1969.

8. PRO MUNDI VITA, **Nuevas formas de vida comunitaria,** n.º 41, 1972. TILLARD, J. M. R., **La communuté religieu-**

se, em NouvRevTheol. 1972, pp. 488-519 e 1973, pp. 150-187. BAUKE, CH., **Faith and Community,** em Spiritual Life, 1973, pp. 19-25. HAGEN, A., **Religious community after Vatican II,** Review for religious, 1973, pp. 352-354. MASCOLO, A., **La fraternité chrétienne chez les religieux et les religieuses,** Conferência dos Religiosos do Canadá, 1971. VARIOS, **Psicologie et sociologie de la vie communautaire,** Supplement 1973, pp. 777-111. SCHERER, J., **Contemporary Community,** Tavistock, London 1972.

9. LOPEZ, J., ISUSI, B., o. c., cap. IV: **La promoción de la mujer como signo de nuestro tiempo y la vida religiosa feminina,** pp. 79-108.

10. HERBERT, GANS, **The levittowers,** Allen Press 1967. PAHRENDORF, R., **Las classes sociales y su conflicto en la sociedad industrial,** Ed. Rialp, Madrid 1962.

11. DEWEY, J., **The public and its problems,** Holt Sons 1927.

FREI ALBERTO BECKHÄUSER, OFM

PARA O RETIRO MENSAL

I. Tema para reflexão: A devoção a Maria

O mês de maio é pela tradição dedicado de modo especial a Maria. No meio das devoções do mês de Maria convém que, parando um pouco, meditemos sobre seu sentido e valor. Talvez tenhamos um pouco de saudades das devoções de maio de outrora. É possível que tenha havido exageros no modo de cultuar Nossa Senhora, o que não justifica o abandono desta prática.

Por que os cristãos dedicam o mês de maio a Nossa Senhora? Maria Santíssima ocupa um lugar especial na economia da salvação, ou seja, no plano de Deus a respeito dos homens que foi revelado na História da Salvação. Maria está intimamente ligada à Cristo e à Igreja. Ora, a Igreja celebra cada ano a história da salvação humana para dela participar.

Deus foi admirável em suas obras para com os homens; mostrou-se admirável na criação e mais admirável ainda na redenção, enviando-nos o seu Filho Jesus para ser o nosso Redentor e Senhor. E Maria, representante da humanidade, recebeu o Salvador e o concedeu aos homens. Portanto, Deus é admirável pelas grandes coisas realizadas em Maria. Por isso, a Igreja se reúne, conforme a profecia da Maria para, através das gerações, proclamá-la bem-aventurada e assim reconhecer que Deus nela realizou grandes coisas (Lc 1, 18-29).

Cultuamos a Deus, cantando as glórias de Maria. Nela contemplamos a benevolência de Deus para com os homens; nela contemplamos o homem e a mulher ideais

que são chamados a realizar plenamente o plano de Deus; nela contemplamos a Igreja que recebe o dom de Deus e o concede aos homens; nela vemos cada pessoa humana convidada a pronunciar o seu "fiat" ao seu Criador; nela, enfim, já contemplamos a Igreja glorificada e a glória que espera a cada um de nós. Em Maria celebramos a criação, comemoramos a redenção em Cristo, a Igreja e cada um de nós. A Igreja celebra os mais diversos aspectos da missão de Maria pelas festas marianas através do Ano Litúrgico. Mas celebra-a de modo singular durante o mês de maio que coincide em geral com o tempo da Páscoa.

Como poderemos expressar hoje de modo conveniente a devoção a Maria e comemorar o mês consagrado a Ela? A melhor maneira é certamente a participação mais freqüente e mais devota na Sagrada Eucaristia. Maria é sempre comemorada na Oração Eucarística. Além disso somos convidados a viver em profundidade as festas Marianas durante o Ano Litúrgico.

Maria está intimamente ligada ao Mistério do Advento do Senhor. É inseparável ao mistério do Natal. Está presente na Semana Santa sob a Cruz. Na Páscoa contemplamos nela a humanidade ressuscitada com Cristo; vitoriosa com ele. No Pentecostes é ainda Maria quem como que concebe o Corpo Místico de Cristo no Cenáculo e o dá à luz no dia de Pentecostes, como havia concebido Jesus e o havia dado ao mundo como Salvador. Na Assunção comemoramos em Maria o que espera a todos nós e na Festa da Imaculada Conceição proclamamos a obra de Deus a respeito do homem em sua pureza original.

Mas a piedade cristã não se alimenta apenas com a Eucaristia e a celebração do Ano Litúrgico. Muito louváveis são as novenas do mês de maio, com a ladainha cantada, o terço recitado e os cânticos em honra de Nossa Senhora.

A Ladainha, por exemplo, em sua forma simples, inclui os dois elementos essenciais do culto a Deus: o louvor e a intercessão. O louvor se expressa através das invocações a Nossa Senhora, proclamando-a Mãe de Deus, Mãe do Criador, Mãe do Salvador, Auxílio dos cristãos, Rainha de todas as categorias de Santos. Através dos títulos de Nossa Senhora a Igreja contempla toda a economia da Salvação, desde o Deus criador, passando por Cristo e pela Igreja até a glória que espera a todos nós. A intercessão está no pedido: "Rogai por nós". Lembrando a Deus as maravilhas que ele realizou em Maria, a Igreja pede que renove as suas obras em seu favor, pois também ela está a caminho da glória. E tudo isso está inserido em Deus uno e trino evocado nas intenções iniciais da Ladainha e em Cristo, nosso Salvador, lembrado nas invocações finais ao "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".

Reflexão semelhante podemos fazer a respeito do Rosário. Esta devoção tão discutida! O que é afinal o Rosário? Podemos dizer que é o Breviário dos leigos. Explico-me. Quando o Breviário se tornou uma oração quase exclusiva do clero, o povo procurou sua forma

de oração mais simples e compreensível. Começou a meditar o Mistério da Redenção de outra maneira. Formou-se então um tipo de oração em que as leituras e as antífonas do Breviário eram substituídas pelas 150 Ave-Marias, dos três terços, chamados Mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. A oração do Rosário é, pois, uma meditação e um louvor. A meditação se faz sobretudo através da contemplação dos mistérios, ao passo que o louvor, a resposta, através dos Pai-nossos e Ave-Marias.

Mais importante, porém, do que conhecer como surgiu a devoção do Rosário é descobrir a sua riqueza. O Rosário contempla o mistério da Redenção. Nos Mistérios gozosos contempla-se o Mistério da Encarnação, da manifestação de Verbo feito homem por amor dos homens. Vivemos os mistérios da manifestação celebrados pela Igreja sobretudo no ciclo de Natal. Nos Mistérios dolorosos contempla-se mais de perto a obra da Redenção pela Paixão e Morte de Cristo. É o tempo da Quaresma e da Paixão.

Nos mistérios gloriosos contemplamos a vitória de Cristo, o aspecto triunfante do Mistério da Redenção em Cristo e em nós. Cristo venceu o pecado e a morte, e ressuscitou. Celebramos o seu triunfo, subindo aos céus. Depois contemplamos a continuação da vitória de Cristo pelo Espírito Santo na Igreja. Para coroar a contemplação da vitória final da Igreja consideramos o triunfo de Maria, elevada aos céus, como realização e prenúncio o tempo da Páscoa e o tempo de nossa vitória e glorificação. Eis durante o ano, de Pentecostes ao Advento.

Afinal, todos os Mistérios de Cristo celebrados durante o Ano Litúrgico são contemplados na devoção do Rosário. Podemos dizer que o Rosário é a meditação do povo cristão sobre os Mistérios da redenção, procurando conformar sua vida à de Cristo e de sua Mãe Santíssima.

Podemos dizer mais. Se por vários séculos, o povo cristão conservou sua fé e se aprofundou no Mistério de Cristo, apesar de o "culto oficial" estar numa linguagem desconhecida, devemo-lo em grande parte à devoção do Terço. Era, na verdade, uma espécie de Celebração da Palavra de Deus.

Portanto, não se trata de abolir esta devoção, mas de compreendê-la bem. Quando rezado em comum é a Igreja rezando, com a garantia da presença de Cristo no meio da comunidade orante. O importante é rezar o Terço ou o Rosário não maquinalmente, mas de maneira consciente e pessoal, para que possa ser realmente eficaz.

Quando digo, de maneira consciente, não quero dizer que estejamos fazendo tudo de maneira reflexa, como se pudéssemos meditar os mistérios e pensar em cada palavra que estamos pronunciando. Isto não será necessário. Mais importante do que a consciência reflexa das palavras que estamos pronunciando é a atmosfera de oração que se cria no seu todo, onde muitas vezes o inconsciente ou subconsciente orante é mais importante

do que a compreensão intelectual de cada palavra.

Outra devoção que mereceria ser analisada é o **Angelus.** Três vezes por dia, em forma de uma hora menor ela comemora o Mistério da Encarnação. Pelas Ave-Marias meditamos a atitude de Maria e a nossa diante deste grande Mistério. A oração final é uma síntese admirável do Mistério da Páscoa. Pedimos a Deus que também nós, tomando conhecimento da Encarnação e seguindo os passos de Cristo por sua Paixão e Morte, possamos participar de sua ressurreição e glória. Basta compreendermos bem o sentido do Angelus para lhe darmos o devido valor.

Lembremo-nos, por fim, que a devoção do mês de maio nos pode levar a vivermos mais intensamente a dignidade de homens e mulheres ressuscitados com Cristo durante o tempo pascal. Com Maria nos prepararemos para receber a força do Espírito de Pentecostes que deseja formar em nós a imagem de Jesus Cristo como Ele a realizou em Maria. Maria é pois, um dos maiores motivos de louvor da Igreja, exemplo a seguir e poderosa intercessora junto de Deus.

II. Questionário para reflexão em grupo

1. Como anda nossa devoção marial após o Concílio?
2. Qual o lugar que Maria deve ocupar no culto da Igreja?
3. Como poderemos celebrar convenientemente o mês de maio como mês dedicado a Maria?

Esta celebração poderá ser feita diante da Imagem de Nossa Senhora em alguma capela, sala ou gruta.

III. Celebração da Palavra de Deus

1. Introdução

D: Todas as nações cantam as vossas glórias, ó Maria. Fostes exaltada acima dos Anjos, e triunfais com Cristo para sempre.

T: Toda sois formosa, ó Maria!

D: Cantemos: Ó Maria, concebida **(Cantos e Orações, n.º 713).**

2. Leituras

D: Ouçamos um trecho sobre a Maternidade de Maria na economia da graça, tirado da Constituição Dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II.

Leitor: Lê **Lumen Gentium,** n.ºs 61-62.

(Meditação em silêncio)

D: Cantemos: Rainha do céu **(CO, n. 703)** ou: Salve Rainha, **n.º 701.**

Evangelho: Lc 1, 26-38.

D: Procuremos reviver o momento em que o céu e a terra se encontraram no "fiat" de Maria.

Leitor: Lê Lc 1, 26-38.

D: Esta cena decisiva na história dos homens foi muitas vezes representada por artistas. Pintores, músicos e literatos nela inspiraram obras imortais. Maria

representa toda a humanidade. O que importa é que não apenas artistas representem esta cena, mas que ela seja representada em cada um de nós. A Palavra de Deus continua a se encarnar hoje cada vez que o homem repetir o "fiat" de Maria. Cada um de nós, na medida que responder à Palavra de Deus, vai concebendo Jesus Cristo e tendo-o concebido, dá-o à luz, a exemplo de Maria, no amor fraterno.

(Breve silêncio)

3. **Preces**

D: Hoje é a vez de nossa geração proclamar as maravilhas que Deus realizou em Maria. Cantando os louvores de Maria, cantaremos as grandes coisas que Deus realizou nela, na Igreja, em cada cristão, e em toda a humanidade. Proclamemos, pois, os seus louvores, cantando (rezando) a Ladainha de Nossa Senhora **(CO, p. 300).**

4. **Comunhão**

Se houver Comunhão:

D: E agora, unidos no espírito fraterno, rezemos a oração que o Senhor Jesus nos ensinou:

T: Pai-nosso . . .

5. **Conclusão do rito**

D: Cantemos com Maria o **Magnificat,** proclamando-a bem-aventurada: **(C O n.º 704).**

D: Ó Deus, que destes o Espírito Santo aos Apóstolos
quando perseveravam em oração
com Maria, a Mãe de Jesus,
concedei-nos, por sua intercessão,
fiéis no vosso serviço,
irradiar a glória do vosso nome
em palavras e exemplos.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

D: Vós sois bem-aventurada, santa Virgem Maria, de vós nasceu o sol de justiça, o Cristo nosso Senhor.

T: Amém.

D: Nos cum prole pia,

T: Benedicat Virgo Maria.

ETAPAS DE AMADURECIMENTO NA FÉ

FREI JOÃO DA PENHA

A fé é o encontro de duas pessoas. É a resposta do homem livre ao amor gratuito de Deus. Cremos, não pela evidência de uma idéia, mas pela manifestação de uma pessoa. Esta pessoa se manifesta a outra que a acolhe. Por isso fé e amor são indissociáveis.

O encontro do homem com Deus pode traduzir-se numa relação infantil ou adulta. Ela é infantil quando carente de seriedade, de responsabilidade e de comprometimento. É adulta quando se revela responsável, conseqüente e comprometida.

É infantil a fé do homem que ainda acredita no "Deus lá de cima", situado em algum lugar do espaço cósmico, zelando pelo bom funcionamento da ordem natural das coisas e vigiando os nossos bons e maus atos. Deus estático, etéreo, castigador dos desobedientes e recompensador dos que não abandonam o caminho do bem, e que só tem olhos para as nossas ações individuais. Com este Deus temos relações distantes, cerimoniosas, rituais, dominicais, e a ele prestamos culto principalmente por ocasião da Páscoa e do Natal. O que pensamos a seu respeito é muito mais fruto de nossa imaginação que revelação bíblica, e de certo modo o adequamos à nossa maneira de encarar os homens, o mundo e a história.

Fé infantil é a do padre que vive mais preocupado com a renda da paróquia que com a evangelização dos seus paroquianos. É a do juiz que tem pela imagem do crucificado pregada à sua parede mais respeito que pelo réu à sua frente. É a do médico que faz questão de ver sua filha casada na igreja, mas não reluta em realizar um aborto por conveniência social. É a do industrial que manda benzer suas máquinas e dependências, esquecendo-se do caráter sagrado da vida dos seus operários. É a do advogado que defende até mesmo a injustiça contida na lei e ilustra seu discurso com citações bíblicas. É a do comerciante que vai à missa e paga o dízimo e durante a semana rouba no preço das mercadorias.

●

É a do jornalista que em nome de Deus ataca a Igreja e seus pastores. É a da moça que evita o pecado mais por receio dele se tornar conhecido que por temor a Deus. É a do rapaz que se confessa só por medo do inferno. É a do operário que considera Jesus um santo tão importante quanto São Jorge. É a do soldado que reza na hora do perigo e trata mal os populares. É a do jogador que se benze na hora de entrar em campo e xinga e trapaceia durante o jogo. É a do artista que faz suas orações à noite e aceita trabalhar num filme pornográfico. É a do fazendeiro que cede animais para a festa do vigário e trata seus vaqueiros como escravos. É a do político que invoca o nome de Deus, a quem diz obedecer, e menospreza o povo por quem foi eleito.

Essas são algumas manifestações típicas da fé infantil, que se prende às aparências, ao acidental, ao convencional, ao tradicional e esquece ou deixa de lado o fundamental, o essencial, o pessoal e o evangélico. O cristão de fé infantil reza com os lábios e não com o coração; considera templo a igreja de pedras e não o seu corpo; ama por dever e não por gratuidade; quer obedecer aos mandamentos sem viver as bem-aventuranças; busca a própria salvação e não a dos outros; age como quem espera reconhecimento e não como servo inútil; satisfaz-se com a mediocridade espiritual e não ama a Deus com todas as suas forças; aspira a vida eterna mas não aceita a cruz e a morte.

A fé adulta é a do homem para quem o Pai, o Filho revelado em Jesus Cristo e o Espírito de amor são centro e eixo de sua existência. Todo o seu dinamismo vital consiste em esvaziar-se sempre mais para tornar-se alguém totalmente aberto aos outros e ao Deus que o habita, transforma e transfigura.

Fé adulta é a do esposo que se doa à sua esposa assim como Cristo se doou à sua Igreja: até as últimas conseqüências, fazendo com que a vida dela brotasse de sua morte e tornando-se, ele próprio, vida de sua esposa. É a do cristão que vê no pobre não um inferior mas alguém a quem o próprio Deus feito homem se igualou em Nazaré. É a do sacerdote que faz do seu corpo e sangue o pão e o vinho ofereci-

dos no altar da história e transubstanciados em corpo e sangue do Senhor presente no coração do mundo.

●

É a do médico que não cura o paciente pensando na conta, mas na perpetuação da vida como supremo dom divino. É a do juiz que não vê o réu como um condenado, mas como alguém a ser libertado de sua desgraça e infortúnio. É a do mandatário que assume o poder como um serviço e sacrifica-se a si mesmo pelo bem do povo. É a do jovem que não se satisfaz em cumprir todos os mandamentos e vende todos os seus bens, dá o dinheiro aos pobres e o segue. É a do homem que em sua fome e sede de justiça conserva a esperança de que será saciado. É a do perseguido que não lamenta a sua sorte, mas encara-a como a maior das bem-aventuranças.

●

É a do oficial que se preocupa com a vida dos seus comandados e para quem basta uma palavra do Senhor para que tudo seja salvo. É a do cego que suplica ao Filho de Davi não a cura de suas vistas, mas a misericórdia que purifica o coração. É a de Maria que se apresenta como serva do Senhor para que se faça nela a vontade daquele que derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes, despede os ricos com as mãos vazias e sacia de bens os famintos.

O cristão de fé adulta reconhece sempre suas falsidades e alienações e está sempre em processo de conversão; não reza apenas para pedir a Deus, mas para unir-se a ele em comunhão de vida e amor; não ama porque isto é o mandamento, mas porque encontra no serviço ao próximo a razão de ser de sua existência; não vive a fé à sua maneira mas à maneira da Igreja, a quem ele serve e obedece; não contempla Deus "lá de cima", mas dentro do coração da história e de cada homem; não aguarda resignadamente o céu, mas luta para fermentar e transformar a Terra, a fim de que ela se apresente sem rugas e sem manchas às núpcias finais com o Cordeiro.

●

A vida de fé tem suas fases de infância, adolescência e maturidade. Na infância esperamos tudo de Deus e dos padres, como a criança que espera de seus pais todas as providências. Necessitamos de amparo e segurança. Se ocorre uma pequena mudança no rito litúrgico ou na maneira de explicitar o dogma, nossa fé vacila, escorrega, duvida. Ela é frágil e tênue, não suporta a dor, o sofrimento, a provação. Alimenta-se pelos sentidos: a música sacra e as palavras do pregador enternecem o coração; a beleza da liturgia e a harmonia da natureza são uma festa para os olhos que entrevêem o Criador; as palavras da oração vocal nutrem a alma; o ambiente austero e silencioso do templo engendra paz e recolhimento.

Esta fé é como uma superestrutura sem fundamento. Ela brota no interior de nossa inteligência, suscitada pela amizade de Deus, mas não domina ainda a nossa vontade, entregue aos caprichos do homem velho. Cremos mas não amamos tanto quanto podemos. Aderimos a Jesus Cristo mas ainda não somos capazes de testemunhar esta adesão pela nossa maneira de agir e de viver.

Aceitamos a verdade do Evangelho mas permanecemos cúmplices de muitas mentiras que oprimem os homens e destroem o mundo. Confessamos a nossa fé mais por palavras que por atos. Colocamos remendo novo em pano velho. Estamos mais preocupados em não cometer certos pecados do que em proclamar a todos a libertação operada pela ressurreição do Filho do Homem.

●

A adolescência da fé é um período de crise. Reconhecemos então que o objeto de nossa fé é uma pessoa a cujo amor devemos corresponder. O conhecimento exige um engajamento que estabeleça sintonia entre fé e vida. Este avanço representa uma ruptura com a antiga prática legalista, dominical, convencional. Vivemos agora a fé como algo que perpetua toda a nossa vida e exige de nós uma resposta à proposta amorosa de Deus em cada momento e em cada ato. Assumimos a dor e o sofrimento como provação e acrisolamento. Porém, em nossa vida espiritual a imaginação e os sentimentos ainda exercem papel preponderante. Somos capazes de criar nossa própria atmosfera de oração e piedade, embora não consigamos conservá-la senão mediante estímulos externos.

A crise que caracteriza a adolescência da vida de fé é marcada pela tensão entre o homem velho que se recusa a morrer e o homem novo que não nasce senão por um doloroso parto. Este conflito reflete o medo que o cristão tem de abandonar suas certezas e garantias sensíveis e palpáveis para abraçar o imprevisível e o invisível da fé. É querer que o grão germine sem cair na terra e morrer. Medo de atravessar a noite para chegar ao dia. Medo da entrega, da confiança em Deus, da cruz que se ergue à frente dos que devem ressuscitar com Cristo.

Muitos preferem então recusar. Regressar à infância da fé, ao farisaísmo cômodo e descomprometido, ao pietismo adocicado. Não querem avançar e perder sua segurança e seus critérios para viver entregues à loucura da cruz e imersos na sabedoria de Deus. Foi o que ocorreu ao jovem rico que se negou a doar os seus bens; a Nicodemos que não entendeu como pode um homem nascer quando já velho e a todos aqueles que preferem a glória dos homens à glória de Deus.

Atingem a maturidade da fé os que, apesar de tudo, não temem perder a sua vida para salvá-la e procuram, em primeiro lugar, a justiça do Reino de Deus. Estes crêem que foram definitivamente libertados pela ressurreição daquele que agora é tudo em todas as coi-

sas e é mais íntimo ao homem do que este a si próprio. Já não rezam com os lábios ou com a imaginação, mas é o Espírito que reza neles e fala pelo silêncio. Vivem em profunda comunhão com todo o Povo de Deus reunido na Igreja. São cheios desta fé que é presença amorosa e conhecimento de Deus e que ultrapassa as energias do coração e os limites da inteligência.

Aceitam com humildade suas fraquezas, não temem a perseguição, fazem do sofrimento comunhão e redenção e transformam suas existências numa oblação de amor. São adultos no Cristo que se manifesta em seu testemunho, que é tanto mais radical quanto mais eles se comportam como crianças que nada podem sem a entrega segura e confiante ao Deus a quem chamam: **Abba**, Pai.

O homem maduro na fé não vive de acordo com a razão, mas segundo o Espírito. Não conhece limites para o amor, nem leis ou preceitos que possam impedi-lo de servir e libertar o próximo. Está no mundo mas não pertence ao mundo. É o peregrino que se alimenta do Corpo e do Sangue que foram entregues como sinal e liame de união de todos os homens com o Deus que se tornou um deles, para que eles se tornassem um com Ele. Bebe da fonte de água viva e encontra sua felicidade na prática das bem-aventuranças. Ele é tanto mais reflexo de Deus quanto mais vazio de si mesmo. Faz de sua fraqueza lugar e ocasião de manifestação da força divina e no fim de seu trabalho reconhece que não foi mais que um servo inútil. Não se satisfaz em dar todos os seus bens; entrega a própria vida pela manifestação do Reino de justiça e amor aos homens de boa-vontade.

Este homem sabe, entretanto, que se sua fé chegasse ao tamanho de um grão de mostarda — a menor das sementes — até as árvores e montanhas obedeceriam à sua palavra. Por isso ele reza incessantemente para que Deus se dê a conhecer a ele ainda mais, muito mais.

Realizou-se no Rio, de 3 a 6 de fevereiro passado. Estiveram presentes 33 pessoas representantes dos Regionais da CNBB e CRB, ou convidados especiais, sob a coordenação de Dom Valfredo Tepe e assessoria da Linha I incluindo a CRB. Tinha por objetivo avaliar a Pastoral Vocacional em andamento no País e, após um aprofundamento teológico-pastoral, chegar a algumas pistas gerais e específicas. As conclusões que publicamos a seguir, foram aprovadas em plenário pelos participantes.

CONCLUSÕES

ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL VOCACIONAL

Pistas gerais e específicas sugeridas para a pastoral vocacional

Considerações preliminares

Após a análise das constantes positivas, negativas e convergentes das diferentes iniciativas pastorais (em âmbito Regional, Diocesano e de Província Religiosa), constatou-se a riqueza de um pluralismo, bastante promissor.

Com realismo, esta variedade manifesta uma crescente tomada de consciência de como é razoável a necessária adaptação da questão vocacional ao ritmo das diferentes Igrejas Particulares.

Certas situações revelam claramente, no âmbito global da pastoral, um amplo esforço missionário. Tal esforço identifica-se particularmente com as florescentes iniciativas no campo da evangelização e catequese libertadoras. Em clima de vivência comunitária procura-se, deste modo, revitalizar a experiência cristã em profundidade e retorna-se, assim, às **condições prévias,** ao clima, ao ambiente propício para as vocações específicas. Este clima propício, além de estar enraizado naquele esforço missionário coincide também, na prática, com as tentativas para encaminhar respostas válidas, concretas e eficazes às aspirações das massas e grupos pluriformes (família, juventude, universidade, meio operário, meio urbano, etc.).

A par de tal situação, tem-se bem presente que as Vocações para os vários ministérios diversificados, para o ministério presbiteral e a vida religiosa consagrada devem ser explicitamente provocadas e anunciadas. Contudo, em vão seria este anúncio se não fosse concomitante a todo esforço para revitalizar a fé eclesial, bem como dinamizar as já existentes e as novas expressões de comunhão e participação de base (Comunidades Eclesiais de Base, Conselhos Presbiterais, Conselhos Pastorais, Paroquiais, Grupos Ambientais, Família, etc.).

Em outras situações onde se constata e perdura, com mais facilidade, a existência de uma Igreja viva e participante é mais fácil e urgente o anúncio das vocações específicas. Tal situação facilita iniciativas práticas e viáveis, no campo da organização da Pastoral Vocacional específica, enquanto há um substrato vivo e motivador das opções vocacionais.

Porém tais situações também requerem uma atenção especial para os fatores de mobilidade e transição, provocados por diferentes causas sócio-econômicas, políticas, culturais e religiosas. Tal mobilidade, sem ser um condicionante absoluto, altera, muitas vezes, o quadro em que se insere a Igreja Viva bem como a sua condição de motivadora das vocações. Uma atenta caracterização destas causas pode prever a curto e a longo prazo, uma maior eficácia da Pastoral Vocacional.

Em qualquer das hipóteses é sempre possível ter imaginação e criatividade pastorais para tirar bons frutos da coexistência destas constatações da realidade. Na prática são inseparáveis, não antagônicas, mas bem reais e ligadas a determinadas opções pastorais básicas nas diferentes situações das Igrejas Particulares.

Conduzir a Pastoral Vocacional, levando em consideração este antagonismo inseparável, requer de todos os agentes pastorais (bispos, padres, religiosos e leigos) uma contínua revisão crítica. Com muito mais razão esta deve ser a atitude daqueles que mais diretamente são responsáveis da promoção vocacional.

Tal revisão crítica tem por finalidade uma permanente verificação, à luz da fé e da oração insistente, da coerência do agir pastoral. Isto acontece quando se procura verificar até onde a existência cristã comprometida e as técnicas e iniciativas práticas estão em perfeita harmonia. Caso contrário tais técnicas e ações concretas deixariam de atender o objetivo último da Pastoral Vocacional: a opção de pessoas livres, conscientes, cada qual encontrando o seu lugar específico na comunidade eclesial, em resposta à iniciativa gratuita de Deus e aos apelos de construção do seu Reino.

As sugestões, que se seguem, não como normas absolutas, são para serem experimentadas, onde for possível, e continuamente revisadas. Querem ser um ulterior passo às conclusões do Encontro Nacional, realizado em agosto de 1972 no Rio de Janeiro.

I. Objetivo da Pastoral Vocacional

Atender, dentro da Pastoral Orgânica da Igreja, as vocações específicas: sacerdócio, vida religiosa, ministérios específicos.

II. Diretrizes

1. Criar, em âmbito nacional e regional, equipes de questionamento da realidade e reflexão teológico-pastoral.
2. Constituir estas equipes por elementos diversificados: padres, religiosos(as), leigos(as).
3. É atribuição dessas equipes, nos respectivos níveis:

   3.1. Acompanhar e assessorar a pastoral vocacional.

   3.2. Incentivar e valorizar experiências de promoção e cultivo vocacional, e realizar o intercâmbio nos diferentes níveis.

   3.3. Mentalizar padres, religiosos e comunidades de sua corresponsabilidade em descobrir, incentivar, orientar e acompanhar as vocações.

   3.4. Integrar toda a pastoral vocacional no processo de educação da fé.

   3.5. Desenvolver nas comunidades eclesiais a consciência missionária das necessidades pastorais da Igreja.

   3.6. Atender na pastoral vocacional à realidade sócio-econômico-cultural de cada região.

   3.7. Imbuir a pastoral vocacional de insistentes orações, na certeza de que a vocação é um dom especial do Senhor. (Cf. "Comunicado mensal da CNBB", n.º 239 — pág. 135. **Convergência,** outubro/72 — n.º 50. **SEDOC**, n.º 56, jan./73, Col 850).

É também à luz das conclusões do recente Encontro Mundial de Vocações realizado em Roma no mês de novembro de 1973 que estas sugestões são assumidas.

III. Sugestões concretas do que é possível realizar.

a) Em Nível Regional

No campo da mentalização

◆ É importante mentalizar os presbíteros, os religiosos, os leigos e os jovens de modo especial, a respeito das dimensões vocacionais do compromisso cristão específico.

◆ Aproveitar dos Encontros, e mesmo provocá-los, entre a equipe diocesana, coordenadores de Equipes de jovens e outros líderes representativos para que o tema comum de reflexão seja o problema vocacional.

◆ Dinamizar a Pastoral Universitária. Levar em consideração o fato constatado, em algumas regiões, de que o universitário possui, às vezes, uma opção, ainda que imperfeita, para um quadro da vida. Porém o mesmo universitário, na maioria das vezes, é indefinido, quanto ao **sentido** a dar à sua vida.

◆ Prever como utilizar bem os meios de Comunicação Social da Região, para uma exata divulgação da mensagem vocacional.

No Campo da organização

◆ Promover uma coordenação diversificada e integrada para a promoção da Pastoral Vocacional. O elemento básico e permanente desta integração seja a reflexão teológico-pastoral sobre o assunto. Na prática, é importante entrosar as equipes já existentes, as Faculdades de Teologia, os Institutos de Pastoral, os formadores em geral, os Institutos Seculares, os movimentos leigos, etc.

◆ Além desta integração própria da promoção Vocacional, sempre estar atento ao dinamismo de Pastoral orgânica, onde aquela deve se inserir.

Sugestões

◆ Tornar mais eficaz o contato das Equipes Regionais com as Equipes Diocesanas, através de presença e animação.

◆ Promover mês e semana Vocacionais.

◆ Levar às bases os documentos e as diretrizes das Equipes Nacional e Regional.

◆ Estar atento às iniciativas onde surgem nova presença de Igreja e ministérios diversificados. Através desta presença de base, incentivar as novas experiências e divulgá-las nas outras dioceses.

◆ A equipe de promoção procure a sua própria subsistência.

b) **Em nível diocesano**

No campo da mentalização

◆ Conscientizar permanentemente os agentes da promoção Vocacional, principalmente padres e religiosos, quanto ao intercâmbio indispensável entre a Pastoral Vocacional e a Pastoral Orgânica.

◆ Descobrir e abrir caminho para as novas lideranças emergentes em direção aos ministérios diversificados. Discernir, encaminhar e formar tais lideranças (por exemplo: criando os centros vocacionais, ou outras formas de acompanhamento).

◆ Facilitar e promover encontros dos agentes pastorais com aqueles que estão em vias de uma opção vocacional e destes entre si.

◆ Estimular a catequese vocacional sistematizada, através dos organismos competentes para o assunto.

◆ Promover cursos diversos, que enfoquem o tema vocacional.

◆ Lembrar permanentemente o clima básico vocacional: a oração e o testemunho pessoal de compromisso e engajamento.

No campo da organização

◆ Insistir na criação e no estímulo às iniciativas de Comunidades Eclesiais de Base.

◆ Promover o entrosamento da Pastoral Vocacional com a Pastoral Orgânica, através de um planejamento integrado.

◆ Insistir na organização de movimentos de jovens e adultos, propondo-lhes objetivos apostólicos bem definidos (engajamento).

◆ Conhecer e adaptar à realidade diocesana o plano regional para a promoção vocacional.

◆ Criar, onde não existe, a equipe diocesana de Pastoral Vocacional (ou no mínimo liberar uma pessoa), cuja tarefa seja a de coordenar, dinamizar e assessorar as bases, bem como acompanhar os grupos vocacionais.

◆ Propor, como possível, a criação de Centros Vocacionais.

Sugestões Práticas

◆ Engajar leigos na formação dos futuros candidatos ao prebiterato e à vida religiosa. Que eles estejam presentes nos seminários, casas de formação e ajudem nos cursos ou nas equipes de formação vocacional.

◆ Comemorações possíveis: dias, jubileus de ordenações, profissão religiosa, sagração episcopal, etc.

◆ Tornar eficaz o intercâmbio de subsídios.

◆ Estimular a confecção de músicas e celebrações vocacionais.

◆ Prever realizações de festivais de juventude, exposições vocacionais.

◆ Valorizar a orientação espiritual e confissão, no âmbito pessoal, particularmente para os jovens.

◆ Missas vocacionais pela TV, pregações mais freqüentes sobre o assunto.

◆ Retiros vocacionais para presbíteros, religiosos(as) e leigos.

◆ Novenas especiais, orientadas pelo testemunho de pessoas diversificadas no seu engajamento.

c) **Sugestões dos Regionais ao Nacional**

◆ Estimular a formação de Equipes Regionais onde elas não existam.

◆ Manter contato com os periódicos litúrgicos, a fim de que elaborem Liturgia Vocacional.

◆ Procurar fixar datas: semana, mês ou ano vocacional.

◆ Continuar e aprofundar o estudo das causas de acréscimo e decréscimo das vocações, questionando os Regionais a este respeito.

◆ Levantamento mais sistemático a respeito de quem são os agentes da promoção vocacional.

◆ Divulgar com maior amplidão possível, experiências positivas.

◆ Incrementar o intercâmbio entre todos os níveis: Universal, Latino-Americano, Nacional, Regional e Diocesano.

Como é possível realizar nas bases algumas das pistas sugeridas

(Testemunhos de alguns participantes do Encontro)

Coordenação vocacional no âmbito de Província Religiosa. É importante uma pessoa liberada para mentalizar os padres, formando com os mesmos uma equipe. O objetivo desta integração é manter o estado de espírito vocacional, no âmbito de Província Religiosa. Tudo isto dentro de um esquema não muito rígido. O trabalho pode se dividir por regiões. Onde a congregação

mantém tarefas pastorais este mesmo clima, aos poucos, introduzi-lo no âmbito da Pastoral familiar, de juventude, etc.

Festival de Juventude. Deve fazer parte de um planejamento mais global da Pastoral e previsto com antecedência. É importante mobilizar as forças ativas, particularmente no campo de trabalho com juventude. Realiza-se um campo aberto e deve prever locais, para dinâmica de pequenos grupos-tendas. Tudo isto sob coordenação da Diocese, Província Religiosa, Escola, etc.

As exposições preparatórias destas reflexões em pequenos grupos, devem explicitar as dimensões vocacionais do engajamento cristão. Um amplo ambiente de confraternização e recreação deve marcar esta experiência, cujo objetivo é o de ser apenas um ponto de partida para um aprofundamento vocacional mais específico.

Experiência de Coordenação (Equipe Regional e Equipe Diocesana). Há pessoas importantes para organizá-la. É importante manter **contatos** prévios com agentes pastorais diversificados: bispo, coordenação geral da Pastoral, Províncias, formadores, etc.

Depois estabelece-se um amplo esforço de mentalização cujo objetivo é o de aproximar as dimensões do trabalho vocacional a todo esforço de implantação da Igreja viva. Assim é na prática, que se define o papel destas equipes: incentivar, motivar, assessorar as bases e, periodicamente, realizar Encontros dos responsáveis.

Projeto Missionário. É importante contar com pessoas engajadas, que queiram assumir este projeto. Escolhida uma área missionária procura-se estender a ação através de núcleos de base, o que requer algumas etapas: a) Levantamento de realidade. b) Descoberta de líderes. c) Formação dos líderes (cursos, encontros). d) Iniciação sobre Comunidades Eclesiais de Base. O sentido deste projeto é o de despertar as dimensões do trabalho da Igreja e a vocação missionária.

Centro Vocacional para a Região e Diocese. Ele deve ser aberto a todas as experiências de implantação da Igreja. O seu objetivo é formar as lideranças emergentes a todo esforço de experiência de vida cristã engajada. Esta iniciativa é provocada pelo aparecimento de Comunidades Eclesiais de Base, pelo trabalho de mentalização nos colégios, presença junto as famílias, etc. O seu objetivo é ainda o de levar estas lideranças a aprofundarem as dimensões vocacionais específicas de seu próprio engajamento.

Equipes Docentes. Tratam-se de grupos reduzidos de professores, em contato permanente com a Comunidade. É uma experiência ao nível de colégio católico. O objetivo das equipes docentes é o de transformar a Comunidade educativa numa comunidade evangelizadora. Neste sentido procura criar naquela comunidade o clima propício vocacional. O importante é que a equipe se sobressaia pelo seu testemunho, vivência e planejamento comum da ação.

A sua ação desenvolve-se tendo como base tal testemunho, visa estabelecer o maior número de contatos possíveis, sem uma rígida estruturação, mas supõe ao menos o destaque de um coordenador. Há momentos em que a própria equipe deve intensificar sua vivência pela oração comum, celebração da Eucaristia, e convivência fraterna, sob diversas formas.

Ação missionária evangelizadora e diversificação dos ministérios. Apóia-se na formação de grupos e especial atenção às lideranças. Um mínimo de organização é necessária para animar os diferentes níveis de atuação. Deve prever a existência de uma equipe de animação, pessoas liberadas, setores, etc.

A mesma organização deve preparar os subsídios para as diferentes faixas de pessoas a serem atingidas: crianças, jovens, adultos, etc. O assessoramento da Equipe Regional torna-se importante para prever e tornar eficaz a experiência. O planejamento com todas as suas etapas, desde o detalhamento dos projetos até a revisão, é indispensável para dar um rumo certo e objetivo a este tipo de iniciativa.

As lideranças dos grupos são sustentadas através de encontros periódicos. Tais encontros, com uma dinâmica a mais participada possível, é que estimulam e formam os líderes **na** e **pela** ação. A consciência de engajamento é que abre a dimensão vocacional a este tipo de iniciativa. As funções ministeriais diversificadas vão aos poucos aparecendo, na medida em que crescem os apelos para servir a comunidade e as suas necessidades.

Observações finais. Na linha de sugestões de como organizar iniciativas amplas e específicas para a pastoral das vocações e ministérios, constatou-se a existência de diferentes iniciativas em andamento no País. Conforme as sugestões dadas ao Nacional, na medida em que houver um melhor conhecimento de tais experiências, elas serão oportunamente divulgadas.

Este trabalho é uma contribuição
do núcleo diocesano de Itabira, MG,
para o Seminário promovido pela CRB,
em novembro de 1973, sobre
O Papel da Mulher na Sociedade e na Igreja.

PROMOVER A MULHER

Coordenadora:

IRMÃ ELISABETH AMARANTE, RSCJ

1) Metodologia do Trabalho

O grupo projetou estudar o assunto por etapas.

● Um primeiro ponto de partida tentou situar a Mulher no mundo e na Igreja, focalizando as situações de vida familiar, profissional e pastoral em que a Mulher se encontra atualmente, tanto nas zonas urbanas quanto nas zonas rurais do Brasil, abordando a importância de seu papel na humanização de nosso mundo. Mas o grupo sentiu, logo de início, que um levantamento da situação da mulher em termos apenas sociológicos, não respondia ao nível de reflexão exigido pelo assunto. Como pronunciar-se sobre a **participação da Mulher,** sem antes aprofundar o **ser da Mulher?**

● Um segundo encontro procurou então refletir sobre a Mulher aprofundando: **a)** A dimensão de mistério do ser feminino. **b)** O tipo de participação correspondente aos valores específicos do modo de ser feminino.

● Para um terceiro encontro, planejou-se focalizar esses três aspectos no âmbito do serviço de Igreja. Circunstâncias independentes da vontade do grupo impediram o aprofundamento desejado e necessário para esse item, dentro do tempo previsto.

2) Dimensão de Mistério do Ser Feminino

"O sexo não é algo que o homem tem, mas é algo que ele é. No nível ontológico, toda Mulher possui sua carga de "animus" (masculinidade), e todo Homem a sua dimensão de "anima" (feminilidade). A complementariedade é pois fundamental no ser humano, exigindo também uma igualdade fundamental de direitos nos sexos."

Importa, no entanto, analisar o masculino e o feminino em suas manifestações. O homem como ser espiritual encarnado, possui uma dimensão interior que se revela. E o que é visível na pessoa humana é sempre significativo. As diferenças sexuais são significativas e permitem vislumbrar o que é o homem e o que é a mulher, em sua interioridade original. A exterioridade — a realidade física —, é reveladora de uma realidade mais profunda.

Ser sexuado é o sentido mais profundo da expressão bíblica: "Adão conheceu sua Mulher". Na verdade o homem só se descobre como homem na medida em que entra em contato com a Mulher e vice-versa. A constituição biológica do homem e da mulher já é por si uma expressão significante e reveladora do que cada um é como pessoa. O específico da mulher não está no nível da eficiência, da produtividade e da força, mas no nível do acolhimento, e do calor humano. A mulher é toda interioridade.

O homem se revela pelo que faz. Ele se exterioriza no fazer. A mulher vale pelo que esconde e se revela melhor por sua capacidade de acolher e interiorizar. (No Evangelho, Maria foi definida em seu ser de mulher, pela expressão: "E ela guardava tudo em seu coração").

O homem se define muito mais radicalmente por ser orientado para um polo definido. A mulher é por constituição "bipolar", o que a faz viver muito mais a situação existencial da angústia e a realidade ontológica do mistério.

3) Tipo de Participação Correspondente aos Valores Específicos do Modo de Ser Feminino

A participação da mulher na sociedade situa-se no plano da humanização. Sente-se a importância da mulher no processo de "amorização" do universo, segundo o termo de Teilhard de Chardin. Se o homem é o acelerador desse processo, é, quem sabe, a mulher que lhe imprime seu verdadeiro sentido.

Quanto ao campo da participação, pergunta-se: o fato da mulher participar em tudo ou quase tudo no campo do trabalho, isso significa que ela assumiu a participação que deve ter em nosso mundo? O simples fato de atuar junto com o homem em todos os campos, é participação?

A participação deve corresponder à natureza. A participação da mulher como mulher no mundo de hoje, não tem campos definidos, mas não pode perder de vista o aspecto da feminilidade. O fato da mulher ocupar o lugar do homem é considerado uma valorização, no entanto, é uma valorização relativa. Porque, não se trata de substituir um pelo outro, mas de se abrirem para ambos os caminhos da complementação na construção do mundo.

Se a participação da mulher situa-se no sentido da humanização é a mulher quem dá a nota da harmonia, da sensibilidade, da beleza, e isso é específico de seu papel. Implícita ou explicitamente essa especificidade é reconhecida nos papéis da aeromoça, da balconista, da recepcionista, da professora primária.

Essas mesmas qualidades dão um cunho especial ao trabalho profissional da médica, da enfermeira, da secretária, visto o homem projetar as grandes linhas e a mulher captar os detalhes. Conta-se o fato, muito significativo da mulher que escolheu ser delegada de polícia, precisamente por ser o campo em que mais falta amor.

Essa reflexão levou também à pergunta: — Será que a cultura está levando a mulher a assumir esse seu papel específico na história?

Foram realçados então os aspectos negativos: Não só a mulher, de modo geral escolhe o trabalho tendo em vista, sua realização social e econômica e não buscando essa contribuição que lhe é peculiar na humanização do mundo a seu redor, como também acontece muitas vezes a mulher negar o seu papel no mundo.

É o que vemos na mulher rebaixada pela propaganda, na mulher chacrete, na mulher **miss**, na mulher que dentro da sociedade de consumo se coloca como elemento de provocação ou de exploração. Nesse caso, recaímos na mesma situação anterior, embora marcada por situação sociológica diversa, implicando valores opostos.

1) Nas grandes zonas urbanas, há o caso da mulher tornar-se objeto do homem.

2) Nas zonas rurais, é comum a mulher estar a serviço do homem. Mencionam-se alguns exemplos significativos de uma realidade rural: na roça a mulher é praticamente "inexistente" e sua influência é nula no plano das decisões familiares. Pequenos detalhes podem ilustrar a situação. É comum se encontrarem pessoas caminhando pelas estradas. Se rapaz e moça caminham de braço dado, poderão ser namorados ou noivos, mas se os encontramos um atrás do outro, sempre o homem na frente, é que certamente são casados.

Essa situação ainda, perdura bastante nas cidades do interior, em que acontece às mulheres não se manifestarem em grupos de reflexão em que o marido está presente. A par dessa realidade, surge aos poucos uma liderança que aos poucos vai crescendo, na medida da conscientização.

Concluímos então que se trata de homem e mulher terem os mesmos direitos, mas em situações diferentes, segundo os valores específicos do modo de ser de cada um, a fim de contribuírem juntos na construção da História.

4) Serviço de Igreja

Analisou-se a especificidade da missão da Mulher dentro da Igreja, como Igreja. Todo o enfoque foi dado a essa missão de humanização como constribuição específica no processo de amorização do mundo. Dentro da Igreja Homem e Mulher possuem ministérios. Mas qual será propriamente, o ministério feminino?

— Compete também à Mulher o ministério sacerdotal? Teologicamente não há nenhuma impossibilidade. Sociologicamente a possibilidade ventilada atualmente em muitos meios encontrará as mais diversas barreiras. O grupo acredita que a História poderá caminhar nesse sentido de ordenação de mulheres, embora algumas pessoas se perguntem se o ministério sacerdotal corresponde em verdade a esse específico da Mulher. De modo geral, admite-se e pensa-se numa possibilidade futura mas remota ainda. Refletiu-se que o importante é que sempre na celebração eucarística (como o ponto alto do ministério sacerdotal), o sacerdote é o representante de Cristo na comunidade, e não apenas o representante da comunidade diante de Deus.

Quanto às demais funções sacerdotais analisadas, chega-se à conclusão de que nem todas são condizentes com a missão da mulher quando focalizadas sob o ângulo de chefia de comunidade. No momento atual, no entanto, e como etapas de conscientização e de transformação em nível de Igreja, achou-se necessário pensar quais os ministérios mais adaptados à situação da mulher na Igreja de hoje.

Ministérios femininos:

Foram apresentados campos de humanização que a mulher deverá assumir gradativamente, como seu papel na evangelização e na pastoral.

- Ministério junto aos doentes.
- Relações humanas em todos os setores da Igreja e da inserção da Igreja no mundo.
- Pastoral batismal ampliada a todo um atendimento direto às famílias. (A participação nesse setor parece ser já usual mas na realidade ainda é bastante restrita e deficiente, e sente-se a necessidade de uma conscientização maior nesse ministério de evangelização).
- Atendimento às domésticas e às prostitutas.
- Pastoral carcerária com atendimento especializado às mulheres. (Nesse setor, será grande o papel das mulheres advogadas).
- Renovação muito necessária na pastoral hospitalar. (Infelizmente a organização burocrática e sistema de convênios dos hospitais dificultam e entravam a atuação das religiosas no campo pastoral).

Em todos esses setores, não se trata de multiplicar os ministérios, mas de levar até as últimas conseqüências a missão pastoral da Mulher e seu engajamento na Igreja-Povo.

PRIMEIRO CENTENÁRIO

— 1873 / 1973 —

Irmãs do Imaculado Coração de Maria

IRMÃ GLACY MARIA MORAES, ICM

No século da cibernética, na era em que tudo é contestado, quando a crença é relegada a simples mito, quando as estruturas são sacudidas e ameaçam ruir, quando os valores se sentem perpassados por uma inversão total, surgem, dos porões de uma Delegacia de Polícia, em Viena, os dados que uma Congregação inteira esperava.

Nascida a 27 de junho de 1818, foi a última filha do casal Rosália Mauritz e José Maix. Morava na casa n.º 1, reservada aos que trabalhavam no Palácio de Schönbrunn, o Palácio de "Sissi, Imperatriz e da Grande Valsa".

Ali passou quinze dias, até a morte dos pais, quando, então, com Maria, sua irmã, mudaram-se para o Jundenplatz, onde aprenderam costura e, no catálogo oficial, sempre aparecem com o título de **modistas**. Nesta escola de artes, Bárbara vai amadurecendo o plano de fundar uma Congregação Religiosa.

Os redentoristas eram os pregadores da Igreja de Maria da Escada, em Viena. Com as pregações do Pe. Antônio Wind, Bárbara, assídua freqüentadora desta Igreja, se sente alertada a respeito dos grandes perigos a que se expunham as domésticas, as quais, incautas ou levianas, vindas do interior, caíam na prostituição.

Dados daquela época registram: Viena: 8.941 nascimentos legítimos e 7.731 ilegítimos. Gratz: 825 nascimentos legítimos e 1.560 ilegítimos.

Foi também na igreja de Maria da Escada que Bárbara sentiu nas-

cer e consolidar-se a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Bárbara e sua irmã, nos primeiros dias de 1843, solicitaram à Delegacia de Polícia licença para a abertura de um pensionato e se apresentaram a D. Vicente Eduardo Milde, o qual se alegrou muito com aquela obra social, de premente necessidade, prometendo-lhes todo apoio. Infelizmente, não lhe puderam comunicar o plano de formar uma Congregação, porque o governo josefinista proibira novas fundações religiosas.

A 8 de maio de 1843, Bárbara declarou às companheiras que a Congregação estava fundada e que se considerassem religiosas, observando as Primeiras Constituições elaboradas por ela. Preparadas pelo Pe. Pöckl, que sempre as animara, prometeram, na missa, a total entrega de suas vidas. Colocaram-se espiritualmente no Coração de Maria, escolhido como fanal do Instituto nascente.

Apesar de muito trabalho, sofrimento, perseguições, para Bárbara não existiam coisas impossíveis. Tinha sido pobre e sofrera bastante. Sua ilimitada confiança na Providência dava-lhe certeza de que seu projeto, inspirado pelo próprio Deus, iria realizar-se!

Porque o Governo era anticlerical, Bárbara dirige-se diretamente ao Imperador, confiada na lembrança do finado pai, camareiro fiel de sua Majestade. Era a hora da Providência. Chegara o momento de correr o véu do segredo e apresentar ao público seu arrojado plano de fundar a Congregação do Imaculado Coração de Maria. Mas o Imperador só aprovou verbalmente o Pensionato, e não a nova Congregação. Elas viveriam, então, seu ideal de religiosas no íntimo de seus corações.

Para pedir autorização para sua Congregação, Bárbara vai a Roma. Falece o Papa Gregório XVI, na véspera de sua audiência. Em Viena, mudam sua residência para o bairro de Wieden, no segundo andar da Hartmangasse, n.º 406. No sofrimento, deveriam regenerar aquele bairro no qual se contaram nada menos de 67 nascimentos ilegítimos, todos filhos de solteiras. O vício rondava a moradia das Congregadas. Assim se explica a aversão dos moradores a essas jovens, cuja conduta moral era para eles um permanente questionamento.

Primeiro de março, ao cair da tarde, toda Viena conturbada com a perseguição. A 15 de março os revoltosos se lembram de que faltava acabar com as ordens religiosas em Viena. Redentoristas, jesuítas, congregações femininas. Todos foram incluídos. Conta o historiador Moritz Smetz que no dia 7 de maio, pelas dezenove horas, uma multidão de cerca de 4.000 pessoas estava prestes a assaltar a casa n.º 406, a de Bárbara, e de todas as janelas da rua este assalto vinha sendo aplaudido.

A caminho do Brasil

Padres e Irmãs, expulsos, andaram errantes pelos arredores de Viena, até conseguirem esmolas suficientes para viajarem às suas terras natais. Os redentoristas possuíam várias casas na América do

Norte. O Pe. Pöckl sugere à Bárbara ir para lá. Bárbara aceita a sugestão. Pede que suas companheiras providenciem dinheiro e passaporte. Em fins de junho saem expulsas e repelidas pela cidade-mãe que quiseram recuperar.

A 5 de agosto, partem: Boêmia, Bantzen, Forgan, Berlim, Luxemburgo, Hamburgo. A estranha caravana, composta de 25 pessoas se hospeda no Hotel Mechlenbourg, aguardando algum navio que as transportasse para a América do Norte. Assim, esperam um mês, quando ancora uma caravela de carga: **Merck**, que viajaria para o Brasil. Alegra-te, **Merck**, segue confiante o Mar da Providência, pois jamais transportaste tão preciosa carga. Darás às intrépidas vienenses um berço novo.

Levaram, no navio, uma vida de convento. Na sala do chefe do navio, um senhor protestante, era celebrada a missa diária. Quantos planos povoariam a mente de Bárbara? Que lhes haveria de trazer o outro lado do oceano? Que de angústias lhe povoariam o coração e o cérebro? Uma terra estranha, sem conhecer a língua, os costumes, a psicologia dos brasileiros. Após 57 dias entre o céu e o mar, a 5 de novembro, a caravela atracou no porto do Rio de Janeiro, às 9 horas da noite.

Depois da apresentação ao Bispo do Rio de Janeiro, este solicitou às Irmãs Concepcionistas do Convento da Ajuda que hospedassem por alguns meses, as recém-chegadas, desprovidas de qualquer meio de subsistência. Madre Cecília, a abadessa, atendeu ao pedido, com muita generosidade. Vinte e cinco hóspedes, de uma hora para outra, por alguns meses, só coração brasileiro. Nos recreios, uma das vienenses que sabia francês, servia de intérprete aos dois grupos.

Dom Pedro II, cuja mãe era vienense, as visitava e lhes prestou benévola acolhida. O jornal "A Religião", de 15 de março de 1849, relata a chegada das Irmãs Alemãs à Corte. A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Terço alugou à Av. Presidente Vargas, uma casa, para dar um Colégio às Irmãs. Bárbara quis, porém, que sua comunidade fosse ereta juridicamente em Congregação. Isto se realizou a 8 de maio de 1849, na Capela do Convento da Ajuda. Noviças de 15, 38 e até 60 anos. Gente que iniciara o Noviciado sob a perseguição vienense, o concluiu aqui, à sombra do Cruzeiro.

1.ª Congregação Brasileira

O periódico "A Religião", referindo-se à Bárbara: "É uma senhora de inteligência fora do comum, um espírito, um trato fino e penetrante; de uma bondade de coração que só pode ter quem passou muito tempo aos pés do Crucificado". A Congregação das Irmãs do Coração de Maria, por seus moldes de vida surpreendia a abadessa das concepcionistas e outras pessoas. E havia razão para isso. Era a primeira Congregação de vida ativa no Rio de Janeiro. E a primeira congregação BRASILEIRA. Os conventos existentes até então, eram de estrita clausura e as religiosas não podiam manter contato com a Sociedade.

Nos diários da Corte, aparecem anúncios publicando e comentando duas grandes novidades: 1) Um colégio dirigido por religiosas. 2) Todo serviço era feito pelas Irmãs, "com exclusão absoluta de pessoas escravas".

Em 1850 a febre amarela vitima muitas pessoas. "Carroças cheias de cadáveres, rodando monótonas pelas ruas desertas, à luz de lampiões." Entre as vítimas, contou-se, para maior tristeza das Irmãs, o Pe. Pöckl, amigo e confidente de tantos anos. As dificuldades eram muitas. Pobres, no Colégio, recebem dos Padres Franciscanos, um Convento na Ilha do Bom Jesus, para nele morarem, por quanto tempo quisessem. Bárbara vai a Roma, em 1852, pedir aprovação a Pio IX. O Santo Padre que também sofrera com a mesma revolução, consolou-as e as exortou, tendo aprovado verbalmente as Constituições que Bárbara lhe apresentou.

Em 1854 foi instalado o Asilo Santa Leopoldina, em Niterói, confiado à Congregação de Bárbara. Na Capela deste Asilo, as primeiras Irmãs que fizeram votos, além de pobreza, castidade e obediência, prometiam cuidar da Infância desvalida e dos Enfermos, nos hospitais, durante as epidemias. Que visão atualizada! Elas que não saíam à rua sem gravíssima necessidade. Em Pelotas, no RS, também era desejado um Asilo como o de Santa Leopoldina. Foi atendida a cidade gaúcha.

O Cólera Morbus, em 1855, grassava por toda Rio de Janeiro. As 12 Irmãs ocupadas no Asilo de Niterói, se ofereceram para ir cuidar dos doentes, nas enfermarias e hospitais. O presidente, agradecido, enviou-as ao hospital de Nova Iguaçu, às enfermarias de Niterói e à Vila de Santo Amaro. Em Porto Alegre, a Diretoria da Santa Casa de Misericórdia pensa em confiar a Repartição dos Expostos à Bárbara, que aceita, e ruma para Porto Alegre. Como a Diretoria tivesse mudado os planos, as Irmãs não se comprometem e ficam sem ter onde se hospedar, sem amigos, sem conhecidos, sem dinheiro. Sozinha, desconhecida e intrépida, com o rosto velado, percorre a poética Porto Alegre, aquela mulher que afirmara:

"Eu sei tão certo, como é certo que Deus existe, que será assim e não de outro modo, pois Ele e não eu fundou a Congregação."

Por intermédio de D. Joaquina de Brito, apresenta-se-lhes o Pe. Miguel Cabeza, SJ, que por treze anos, vai dirigir a Congregação nascente. A pedido da Assembléia Provincial, fundam o Asilo de Santa Leopoldina. Muita intromissão da Diretoria faz com que Bárbara chegue a escrever: "Não somos escravas, Senhor Administrador. Somos livres, pela misericórdia de Deus. Só cumpre a S. Exa. nomear pessoas que nos substituam e sucedam no Asilo, tomando conta do mesmo, e quanto antes nós nos retiraremos dele. Julgamo-nos despedidas do Asilo, Senhor Administrador. Deus velará por nós."

As Atas da sessão da Assembléia do Rio Grande do Sul, de 17 de novembro, relatam a animosidade

com que foram tratados os assuntos referentes à Bárbara e ao Asilo. Aos poucos, porém, a confiança vai se reatando e a 13 de setembro de 1860, o Conselho Diretor de Instrução Pública confere licença à Madre Bárbara para fundar o Primeiro Colégio Religioso feminino no Rio Grande do Sul, Província de São Pedro.

Cem anos depois

E as obras de Bárbara se espalharam pelo Brasil, através de suas Irmãs, dirigidas até hoje, por oito superioras gerais, das quais a atual é Irmã Marta Maria Braccini, que, neste ano Centenário, foi eleita em substituição à Irmã Carmelinda Rossatto.

Em oito Estados no Brasil, a Congregação conta com casas no Rio Grande do Norte, Bahia, Goiás, São Paulo, Guanabara, Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina e, mormente, no Rio Grande do Sul, em cuja capital está a Sede Generalícia. Possui um pensionato no estrangeiro: Roma. Neste Ano Centenário da morte de sua fundadora, a Congregação que teve seus Capítulos Extraordinário e Ordinário, apresentou a seus membros as Constituições atualizadas, no anseio de acertar com a Igreja.

Resumindo sua vida e espiritualidade, constata-se que nada a separava do amor de Deus e Bárbara podia, em quase todos os aspectos de sua vida plagiar São Paulo: "Quem nos separará do amor de Cristo?" Bárbara sentia a paternidade de Deus e, convicta e filialmente o chamava de Pai. Não só rezou o Pai-Nosso, mas o fez vivência. Tornou existenciais as duas petições mais difíceis da oração do cristão:

1 — **Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos.**

"Em perpétua ação de graças por todas as cruzes, males, desprezos e perseguições que desde o início a Congregação inteira ou cada membro sofreu, com a graça divina, cada ano, no domingo durante a oitava da festa do Sagrado Coração de Maria será celebrada uma Santa Missa." **(Constituições de 1852 a 1930).**

E no fim de sua vida, caluniada, deposta, expulsa, deixa-nos escrito: "Perante Deus deixo a vós todas por herança aquilo que tenho pela graça de Deus: dou-vos o exemplo de perdoar sempre com todo gosto e consolo do meu coração."

2 — **Seja feita a vossa vontade.** Bárbara deixa às filhas a Carteira de Identidade de Congregada ou as condições de filiação: "Quereis saber se sois minhas filhas? Experimentai: Pode este sol da Santíssima Vontade fitar-vos diretamente no rosto, sem vos preocupardes? Podeis fazer isto? Sois, então, minhas filhas."

Duras as condições estabelecidas: a do perdão e a do cumprimento amoroso da Vontade Divina. E quando a Igreja insiste na volta às fontes: Evangelho e Vida do Fundador, nada mais importante do que pararmos para refletir sobre aquilo em que consiste a **continuação** de nossa fundadora, na Igreja tão controvertida deste ocaso do século XX.

LIVROS NOVOS

MYSTERIUM SALUTIS, Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica, III/5. Editora Vozes, 1974. Páginas 128.

Este volume III/5 contém os mistérios da vida de Jesus. Contém a colaboração de Alois Grillmeir, Raphael Schulte, Christian Schütz. Foi traduzido do alemão por Dom Mateus Rocha. Todo o volume é um só capítulo, o capítulo VIII, e é um prosseguimento do capítulo VII, volume III/3 que nos levou a uma concepção fundamental do caminho e da obra do homem-Deus em geral, em suas funções salvíficas de revelador, senhor e sacerdote.

Neste capítulo VIII, serão apresentados os mistérios da vida de Jesus, numa concretização necessária dentro de uma dogmática orientada para a história da salvação que é parte essencial da história humana. É a obra histórico-salvífica de Jesus Cristo como ele a levou a termo neste **aion** = século, em moldes humanos.

Não se perde de vista a unidade do evento global de Cristo, isto é, o mistério global de Jesus Cristo e se apresenta os mistérios da vida deste Jesus, na medida em que eles constituiram ou constituem história terrena e humana. O de que trata este volume só terá sentido e só se justifica na medida em que constitua parte do único evento Cristo, ou seja, toda a obra do Logos eterno de Deus, a qual historicamente prepara a plenitude dos tempos e é pressuposta aqui.

Sendo assim, o primeiro dos mistérios da vida de Cristo a ser tratado aqui será a descida do Logos de Deus para dentro da nossa história, como início da existência humana do homem-Deus Jesus Cristo. A partir deste instante exato da descida do Filho de Deus, do seio do Pai à nossa carne de pecado, deve-se estudar e explicar teologicamente os mistérios da vida terrestre de Jesus até sua volta ao Pai, definitiva e escatológica, pela eternidade adentro.

No estudo teológico de cada mistério da vida de Cristo, a partir de uma visão global do evento uno e total de Cristo, perguntar-se-á pela significação e pelo conteúdo salvíficos de cada mistério de sua vida. Depois da síntese teológica de todas as conclusões possíveis e definitivas sobre o mistério de Cristo, obtida graças a uma análise conscientemente analítico-crítica dos textos neotestamentários, aplicar-se-á então a cada acontecimento da vida terrena de Jesus na medida em que o mistério único de Deus, revelado segundo os padrões da história humana, neles se explicita, teologicamente falando.

A exposição feita neste capítulo assenta em um terreno inteiramente novo. Por isso o volume situa os mistérios da vida de Jesus dentro de uma visão teológico-histórica; depois, os mistérios da pré-história de Jesus, para, em seguida, expor exemplarmente alguns mistérios da vida e da obra de Jesus, de particular significação. É claro que este volume não esgota o assunto no que respeita ao copioso material exegético.

Crédito–
Aceites cambiais, empréstimos
e financiamentos, refinanciamentos
através do PIS, FINAME, FIPEME,
FIMACO, empréstimo em moeda
estrangeira, avais e garantias,
leasing, crédito direto
ao consumidor.
Distribuição e venda–
Letras de câmbio, certificado
de depósito a prazo fixo, fundos
de investimentos, ações
e debêntures, incentivos fiscais,
títulos governamentais.
Investimentos –
Emissão e registro de títulos,
administração de valores, custódia
de títulos, participação acionária,
underwriting, administração
de fundos de investimento,
operações em bolsas de valores,
certificado de depósito de valores
mobiliários em garantia.

O Denasa presta todos os serviços de um banco de investimento. E está entre os 10 grandes.

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução.
Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento.
Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração
Presidente
Juscelino Kubitschek de Oliveira
Conselheiros
Lucas Lopes
Baldomero Barbará Filho
Louis Steuerman
Luiz G. de Souza Lima
Victor Nunes Leal
Fernando Geraldo Simonsen
Mme. Liliane V. Schneider

Diretoria Executiva
Presidente
Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes
Rodrigo P. de Pádua Lopes
Rodolfo E. Antici
Carlos Alberto Mendes
Henrique Souza Lima

Diretores
Roberto Lima Neto
Lúcio Santos Pereira
Marcos Milliet
José Guilherme Padilha
Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta
Carlos Murilo F. dos Santos
Wladimir Rioli
Júlio Rego
Evandro F. Paiva

Banco **Denasa** de Investimento S.A.

Denasa – Desenvolvimento Nacional S. A.
Crédito, Financiamento e Investimentos
Denasa S. A. – Corretora de Títulos e Valores Mobiliários
Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.
Denasa Leasing S. A.
Denasa Marketing e Comunicação Ltda.
Denasa Sistemas e Métodos S. A.
Denasa Imobiliária S. A.
Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.
Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro – Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022
São Paulo – Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880
Belo Horizonte – Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e
Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577
Brasília – Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M
Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609
Porto Alegre – Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140